



UM BREVE ENSAIO SOBRE O ANGU

Com raízes africanas, a iguaria talentosamente produzida a partir do fubá é prato obrigatório da Gastronomia Mineira – isso, claro, por ser sabor mais que presente em todas as mesas ocupadas por famílias deste canto do país. Ainda assim... "Eu não gosto de Angu. Falam que o passar do tempo amolece a gente e podemos até começar a gostar de algo que não apreciávamos. Para ser justo, até provo de vez em quando para ver se algo mudou. Que nada!", conta Fábio Caputo.

Página 6

Crônicas do Cooperativismo: há mais histórias pra contar

"Quando Fernando Collor de Melo anunciou o famigerado Plano Collor, houve silêncio generalizado. Eram pessoas em casa, em restaurantes, nas calçadas das ruas olhando pras TVs da vitrine e tentando assimilar o que significava reter poupanças. Logo depois veio o terror, a corrida desesperada a instituições financeiras que sentiam os mesmos impactos acompanhados, porém, de choros desesperados ou ameaças. Não foi diferente, claro, com as Cooperativas de Crédito. Mas no caso delas – ou melhor, de instituições como a nossa – havia um outro golpe: naquele mesmo 16 de março de 1990, o mesmo governo havia liquidado o Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC)".

Página 3

As Moças do Bengo estão na Literatura

A arte e a memória são-tiaguense acabam de ser apresentadas. É que em 18 de abril foi lançada a obra literária *Tecendo Histórias – Antologia sobre as Moças do Bengo*. O colaborador Marcus Santiago conta, num artigo especial, todos os detalhes sobre o livro.

Página 10

Adam Smith e 'A riqueza das nações'

"Em março de 1776, um professor escocês de Filosofia Moral da Universidade de Glasgow publicou um livro que mudaria profundamente o debate sobre economia e prosperidade. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, conhecido simplesmente como *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, tornou-se uma das obras fundadoras da economia política moderna. Duzentos e cinquenta anos depois, Smith continua sendo citado com frequência, mas raramente é lido com o cuidado que merece."

Página 12



Experiência de Rochdale bem aqui

O Sicoob Credivertentes celebra 40 anos de fundação no próximo mês de agosto. Mais que tempo, essas quatro décadas simbolizam raiz, presença e desenvolvimento tanto da Cooperativa quanto das comunidades onde abriu portas como iniciativa de e para nossa gente. Essa história impulsionou, também, o próprio Cooperativismo Mineiro – e é recontada em novo lançamento da *Coleção Vertentes Cultural*. A obra, assinada pela historiadora e pesquisadora Edriana Nolasco, está disponível no site www.sicoob.com.br/web/sicoobcredivertentes.

PREÂMBULO

MEMÓRIA, CIDADANIA, RECRIAÇÃO DO PASSADO

"O passado é o segundo coração que bate em nós" (Henry Botaille)

A memória é faculdade humana, na sua expressão/acepção individual e coletiva, que não só conserva informações, possuindo, outrossim, desdobramentos fenomênicos que extrapolam a história, a linguagem, a política, a cultura, a construção de todo o espaço social. É ela um fator não só pessoal, mas solidamente universal, eis o que nos afirma o sociólogo Maurice Halbwachs ("A memória coletiva" SP, Ed. Centauro, 2003).

Nossas lembranças, via de regra, acham-se agregadas ao comportamento grupal – sejam elas familiares, escolares, profissionais, urbanas (nossa interação/convivência de rua, bairro, cidade, país). Lembranças, ainda que mentais, ancoram-se em signos, em referenciais como paisagens, linguagens, sentimentos, momentos inseridos/inoculados pelo mesmo espaço compartilhado a outras tantas pessoas. Lembranças são, em síntese, um patrimônio da comunidade, pois conjugadas, repassadas de pessoa a pessoa, compõem a história oral, "lugares de memória", em sua triplíce natureza: material, funcional, simbólica⁽¹⁾. "A memória coletiva é formada por fatos e aspectos julgados importantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla, se expressa no que chamamos 'lugares de memória'. Eles são os memoriais, monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade" (Olga von Simson – "Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento", Augusto Guzzo Revista Acadêmica, SP, n. 6, pp. 14/18).

Memórias são um repositório, um relicário de informações, de construções sociais – como esquecê-las quando destruídas?! Desastres climático-ambientais provocam a extinção de "lugares de memória", a exemplo das tragédias de Mariana e Brumadinho; a demolição de casarões antigos, lançados impiedosamente ao chão, como se observa frequentemente. São vozes, olhos abafados dos cidadãos impotentes e cujas imagens custarão – ou jamais – se dissiparão. Memórias – religiosas, política, de trabalho, familiar – que recriam-nos o passado em meio à desorganização do espaço, a ruptura do tempo, "lembranças de um mundo perdido" (Pedro Nava, escritor), sabendo-se que a destruição do passado é uma das muitas formas utilizadas pelas elites para perenizarem a opressão social e cultural. "A memória é um hóspede incômodo de que os homens, neste País, se dão pressa em descartar-se" (Rui Barbosa).

Cultivar a memória é trabalho árduo de psicologia social, revitalização cultural e de cidadania, fazendo emergir tesouros das profundezas insondáveis do tempo, recriando-se pontes entre gerações e estações. Um povo se enriquece mantendo os traços culturais e requintes de seus antepassados, guardiães que somos das lembranças, afetos, vocações, sonhos guardados no baú dos anos. Afinal, "envelhecemos com filas de lembranças batendo em nossas portas" (Paulo Bonfim).

NOTA

1- Os "lugares de memórias", segundo Pierre Nora, podem ser classificados como: a) materiais ou físicos – monumentos, santuários, jornais, arquivos, tratados, museus etc; b) funcionais – transmissão/cristalização das lembranças; c) simbólicas – ao nos remeter a acontecimentos vividos por grupos sociais, geralmente do passado.

Adivinhas/Charadas



- 1 – Qual é a coisa, qual é ela, que tem todas as vogais no seu nome?
- 2 – Qual é a coisa, qual é ela, que atravessa todas as portas, sem nunca sair nem entrar por elas?
- 3 – Qual é a coisa, qual é ela, que todo o nariz tem na ponta?
- 4 – Qual é a coisa, qual é ela, que voa sem ter asas e chora sem ter olhos?

Respostas: 1) A toupeira; 2) a fechadura; 3) a letra Z; 4) a nuvem

Provérbios e Adágios

- O seguro morreu de velho, o desconfiado está vivo até hoje;
- O prometido é devido
- Pela boca morre o peixe
- A morte não espera
- A palavras loucas, orelhas moucas

Para refletir

• "Eu te amo porque te amo,
não precisas ser amante,
e, nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga"

Carlo Drummond de Andrade

• "Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece
como eu mergulhei. Não se preocupe
em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."
Clarice Lispector



SR. ANTÔNIO
ALVES DE
ABREU

† 17/04/2026

FALECIMENTO VOTOS DE CONDOLÊNCIAS

Registramos com imenso pesar o falecimento, dia 17/04/2026, do **Sr. Antônio Alves de Abreu** (Antonio do Marianinho) produtor rural renomado, modelar cidadão e chefe de família, de excelente prosa e hospitalidade, um mineiro tradicional, da mais pura gema.

Sepultado em Morro do Ferro.

Aos familiares, nossos sentimentos

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Fernanda Cristina de Sousa
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



Convênios e limitações

Quando Fernando Collor de Melo anunciou o famigerado Plano Collor houve silêncio generalizado. Eram pessoas em casa, em restaurantes, nas calçadas das ruas olhando pras TVs da vitrine e tentando assimilar o que significava reter poupanças.

Logo depois veio o terror, a corrida desesperada a instituições financeiras que sentiam os mesmos impactos acompanhados, porém, de choros desesperados ou ameaças. Não foi diferente, claro, com as Cooperativas de Crédito. Mas no caso delas – ou melhor, de instituições como a nossa – havia um outro golpe: naquele mesmo 16 de março de 1990, o mesmo governo havia liquidado o Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC).

Naqueles tempos, as Cooperativas não compensavam cheques ou processavam pagamentos de maneira autônoma. Tudo passava por uma instituição financeira conveniada – e até ali contávamos justamente com o BNCC. Resultado: para os cooperados, além do congelamento de poupanças, havia um vácuo operacional que deixava no limbo os recursos que haviam utilizado em suas transações. Essa, na verdade, é uma história a ser contada depois, com mais detalhes.

Porque aqui o objetivo é contar como, durante muito tempo, instituições como o Sicoob Credivertentes se viram num quase cárcere sistêmico, com “não podes” que incluíam a simples efetivação de movimentos financeiros via instituição própria. Afinal, com a liquidação do BNCC do dia para a noite, as cooperativas foram forçadas a realizar convênios/parcerias com outros nomes do mercado – no nosso caso, com a Caixa Econômica de Minas Gerais, a Minas Caixa. Acontece que a mesma viria a igualmente ser liquidada um ano depois, no governo estadual de Hélio Garcia.



Outro forte baque demonstrando a inadiável necessidade de uma entidade financeira de cúpula para as Cooperativas de Crédito (algo que viria a ser concretizado em 1996, com a criação do Banco Cooperativa do Brasil, BANCOOB).

Tais truculentos eventos serviriam, todavia, como um marco divisor no Cooperativismo brasileiro, forçando o setor a se modernizar, se unir, criar seus próprios sistemas de crédito, fomento e liquidez – daí, inclusive, o surgimento de centrais e confederações como o próprio SICOOB.

Além disso, a bem da verdade, a extinção do BNCC catalizaria igualmente outras iniciativas como a sustentabilidade financeira e a profissionalização do sistema, o que permitiu seu crescimento, seu foco no desenvolvimento local-regional e a retenção de riquezas nos municípios de atuação.

Há algum tempo, no curso de Economia em certa universidade da região, um professor discursava em sala de aula sobre diversas doutrinas e sistemas econômicos históricos.

Todos vigentes no mercado, diga-se. Acontece que o Cooperativismo de Crédito não foi citado ali – e um aluno atento questionou a falta dessa abordagem.

É claro que o mestre, de forma pedante e discricionária, se sentiu de alguma forma ofendido. E fez questão de desmerecer o Cooperativismo, defendendo que se tratava, a seu ver, de um movimento insignificante e inviável.

Oras! Pois nesse momento redarguiu o aluno:

– Mas há Cooperativas de Crédito que funcionam há anos no mundo todo e seguem bem sucedidas, inclusive nas Vertentes.

– Utopia e fantasia! – respondeu o professor, impaciente. E seguiu: Mas você se refere a São Tiago, não é? Lá, segundo consta, há uns velhos que “lidam” com isso.

Ah, se ele imaginasse a renovação que aquela pequena Cooperativa traria...



Oratório de Nossa Senhora da Visitação de D. Nhanhá Gabet

Por Maria Elena Caputo

A festa da Visitação de Nossa Senhora é celebrada anualmente em 31 de maio, encerrando o mês mariano. A data comemora a visita de Maria, grávida de Jesus, à sua prima Isabel, grávida de João Batista, conforme o Evangelho de Lucas (1,39–56), simbolizando o encontro, a caridade e a alegria.

A passagem recorda o momento em que Maria, logo após receber o anúncio de que seria a mãe de Jesus, viaja para ajudar sua prima idosa, Isabel. Ao ouvir a saudação de Maria, João Batista salta de alegria no ventre de sua mãe. Em seguida, Maria proclama o cântico do Magnificat, uma oração de louvor durante o encontro.

No contexto litúrgico, essa festa era celebrada no dia 2 de julho, mas o Papa Paulo VI a transferiu para o dia 31 de maio, inserindo-a estrategicamente entre a solenidade da Anunciação (25 de março) e o nascimento de João Batista (24 de junho).

No município de São Tiago, especialmente na comunidade do Jacaré, havia forte devoção a Nossa Senhora Visitadora. Monsenhor Francisco Eloi tinha grande apreço por essa celebração. Na cidade, existia também a tradição das visitas, nas quais inúmeras famílias participavam levando a imagem de Maria de casa em casa, promovendo momentos de fé, oração e solidariedade.

Durante essas visitas, arrecadavam-se esmolas para a compra de remédios destinados às pessoas mais necessitadas. A imagem, em seu oratório, era conduzida em pequena procissão, geralmente pelas casas da mesma rua, com rezas, cânticos e grande devoção. As residências aguardavam a chegada com altares preparados, flores, ladainhas, rifas, leilões e a presença de muitos fiéis.

Destaca-se, nessa tradição, a figura de Maria José dos Reis, conhecida como D. Nhanhá Gabet, moradora de uma grande casa na esquina da Praça da Matriz. Vestia-se sempre de preto, com postura recolhida, e conduzia inúmeras famílias — especialmente senhoras — nesse ritual de fé, oração, dedicação e caridade. Não realiza-

va esse trabalho apenas por conta das dores vividas, como a perda de familiares, mas sobretudo por sua fé e pelo desejo de ajudar os mais necessitados.

Após seu falecimento, na década de 1960, outras mulheres, como Dona Rosa, Dona Percília e Dona Antônia, deram continuidade à novena da Visitação. Segundo relatos, o objetivo permanecia o mesmo, e o entusiasmo das famílias continuava grande.

A imagem permanecia por nove dias nas residências. Às vezes, era recebida com fogos de artifício, como forma de expressar alegria e gratidão. Durante a noite, realizavam-se a novena e leitões. A despedida era marcada por emoção e, muitas vezes, por lágrimas. Frequentemente, as famílias associavam a visitação a datas especiais, como aniversários.

Havia uma agenda para a visita da imagem de Nossa Senhora nas casas, pois a demanda era grande, e algumas residências tinham datas fixas ao longo do ano.

D. Catarina Santiago relatou essa tradição com brilho nos olhos, evidenciando a importância desse legado de fé.

Em fevereiro de 2026, tivemos a graça e a satisfação de receber, pelas mãos de D. Adélia, o oratório e a imagem original de Nossa Senhora utilizados nessas novenas, peças que provavelmente datam da década de 1920. Dona Adélia realizou a limpeza e doou os objetos ao Memorial Santiaguense, enriquecendo ainda mais o acervo religioso do município.

Atualmente, as peças encontram-se disponíveis para visitação, contribuindo para a preservação da memória, da fé e da história de nossa terra.



SABORES QUE GUARDAM MEMÓRIA

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Saudade é um gosto difícil de definir. Está no cheiro que se espalha pela casa enquanto a massa é preparada, no calor do forno aceso, nos gestos repetidos com carinho e precisão. A cozinha, mais do que um espaço doméstico, é um lugar de memória viva, onde sentimentos, histórias e afetos se misturam aos ingredientes simples do dia a dia.

As quitandeiras, figuras centrais dessa tradição, carregam saberes antigos herdados de mães, avós e bisavós, trazendo consigo a cultura dos povos originários e afrodescendentes que moldaram a culinária mineira. São verdadeiras alquimistas do tempo, capazes de transformar farinha, ovos, açúcar e fermento em sabores que atravessam gerações. Cada receita traz consigo um ritual: peneirar, sovar, moldar, assar. Um processo lento, quase sagrado, que não se apressa e não se apaga.

O cheiro do biscoito assando, o sabor que fica na boca, a lembrança das cozinhas cheias, das mesas fartas e das mãos calejadas pelo trabalho diário revelam uma herança que vai além da alimentação. É cultura, identidade e resistência. Os cadernos de receitas, com as letras bordadas, muitas vezes gastos pelo tempo, guardam não apenas medidas e modos de preparo, mas histórias de família, de fé, de trabalho e de amor.

Em São Tiago e em comunidades como, esses saberes se mantêm vivos. Mulheres simples, mas cheias de sabedoria, transformaram a quitanda em sustento, em arte e em linguagem afetiva. Seus doces, biscoitos e quitutes alimentaram corpos e também almas, acolhendo visitas, marcando festas, celebrando encontros e amenizando despedidas. Biscoiteiras e quitandeiras, doceiras e cozinheiras de nossa terra, no passado, como D. Mecias, D. Naná Mendes, D. Mecia do Corinto, Moças do Bengo, D. Percília, D. Cotinha, D. Mercês, D. Conceição do Altino, D. Maria do Valfrido, Baíta, D. Conceição do Nego, D. Maria da Milota, D. Albertina, D. Rosária do Mosquitinho, D. Nazaré, D. Dote, D. Maria da Joaninha e tantas outras mulheres anô-

nimas de todas as famílias e classes sociais, fizeram da cozinha uma grande escola, passando através de filhas, netas, bisnetas, e descendentes os seus dons culinários.

Os sabores seguem como portais da memória. Cada fornada renova o passado no presente, reafirmando que cozinhar é também contar histórias.

Histórias que perfumam a casa, aquecem o coração e permanecem na lembrança de quem prova e de quem aprende a fazer.





ANO JUBILAR GERALDINO: MEMÓRIA VIVA DE UM SANTO POPULAR

Por Marcus Santiago

O Ano Jubilar pelos 300 anos de nascimento de São Geraldo Majella tornou-se mais do que uma simples celebração religiosa: transformou-se em um tempo de memória, espiritualidade e renovação missionária para milhares de devotos espalhados pelo mundo. Três séculos após seu nascimento, a figura do humilde irmão redentorista continua viva no coração do povo, atravessando gerações com a mesma força de quando caminhava pelas pequenas aldeias do sul da Itália levando esperança, consolo e fé aos mais pobres.

Nascido em 6 de abril de 1726, na cidade de Muro Lucano, Geraldo cresceu em meio às dificuldades de uma família simples. Desde cedo conheceu a pobreza, o trabalho duro e também a rejeição. Tentou diversas vezes ingressar na vida religiosa, enfrentando portas fechadas e incompreensões, mas nunca abandonou o desejo profundo de dedicar sua vida a Deus. Alfaiate por profissão, encontrou finalmente acolhida na Congregação do Santíssimo Redentor, fundada por Santo Afonso Maria de Ligório, tornando-se irmão redentorista e abraçando uma missão marcada pela simplicidade e pela proximidade com o povo.

Sua vida foi breve. Morreu aos 29 anos. Ainda assim, deixou uma marca tão profunda que seu testemunho permanece atual e necessário. São Geraldo não pregava apenas com palavras; evangelizava com gestos concretos, com o olhar atento aos sofrimentos humanos, com a capacidade de escutar e acolher aqueles que viviam esquecidos. Percorria povoados, visitava famílias, confortava enfermos e levava esperança aos abandonados. Sua missão consistia em tornar visível a misericórdia de Deus nas pequenas coisas do cotidiano.

Mesmo diante de acusações injustas e momentos de sofrimento, respondeu sempre com silêncio, humildade e confiança. Essa fidelidade silenciosa transformou o jovem irmão redentorista em um dos santos mais queridos da Igreja Católica, especialmente entre mães, gestantes e famílias, que o reconhecem como poderoso intercessor.

Foi justamente essa herança espiritual que motivou a celebração do Ano Jubilar Geraldino, promovido pela Congregação Redentorista entre 26 de abril de 2025 e 26 de abril de 2026. Inspirado pelo tema missionário proposto pelo Superior Geral, Pe. Rogério Gomes, C.Ss.R., o jubileu convidou a Família Redentorista a olhar novamente para o exemplo de São Geraldo e refletir sobre a missão evangelizadora no mundo atual. Mais do que

recordar o passado, o jubileu buscou reacender o espírito missionário, sobretudo em um tempo marcado por novos desafios pastorais e pela diminuição do número de irmãos redentoristas.

Ao longo desse período, santuários, paróquias e comunidades realizaram novenas, peregrinações, encontros formativos, celebrações e iniciativas de evangelização que envolveram milhares de fiéis. No Brasil, duas cidades tiveram papel especial nessa caminhada jubilar: Sorocaba/SP e Curvelo/MG, que acolheram respectivamente a abertura e o encerramento oficial das celebrações da Província Nossa Senhora Aparecida.

O encerramento do jubileu em Curvelo tornou-se um dos momentos mais emocionantes da programação. Após dias de tríduo e oração, uma multidão acompanhou a procissão que saiu da Matriz de Santo Antônio em direção ao Santuário de São Geraldo. Entre cantos, orações e demonstrações de fé, missionários redentoristas e devotos conduziram a imagem do santo pelas ruas da cidade, recordando a simplicidade daquele que escolheu viver como “irmão entre os irmãos”.

Um dos momentos mais simbólicos foi a condução de uma relíquia de São Geraldo pelo Ir. Geraldo Pereira Neves, C.Ss.R., gesto que emocionou os fiéis e reforçou o sentimento de proximidade espiritual com o santo. A celebração reuniu religiosos das províncias redentoristas do Brasil, seminaristas, autoridades e milhares de peregrinos vindos de diversas regiões do país.

A Missa Solene foi presidida por Dom Darci José Nicioli e contou com a presença de importantes membros da Congregação Redentorista, entre eles Pe. Francesco Stanula, Pe. Marlos Aurélio da Silva, Pe. Edilei Rosa Silva, Pe. Eduardo Catalfo, Pe. Luiz Cláudio de Macedo e Pe. Vinícius Ponciano.

Mais do que uma comemoração histórica, o tricentenário de São Geraldo revelou a força de um testemunho que continua profundamente atual. Em tempos marcados pelo individualismo, pela pressa e pela indiferença, a vida simples do santo recorda que a verdadeira grandeza nasce da capacidade de servir, acolher e amar. São Geraldo continua falando ao coração do povo porque sua missão nunca esteve baseada no prestígio ou no poder, mas na humildade de quem fez da própria vida um sinal do amor de Deus.

Celebrar seus 300 anos é reconhecer que a santidade ainda é possível nas pequenas atitudes, no serviço silencioso e na fidelidade cotidiana. É perceber que algumas vidas, embora breves, tornam-se eternas porque foram inteiramente dedicadas ao próximo.



Angu

Por Fabio Antônio Caputo
Membro do IHGST

Eu não gosto de Angu. Falam que o passar do tempo amolece a gente e podemos até começar a gostar de algo que não apreciávamos. Para ser justo, até provo de vez em quando para ver se algo mudou. Que nada!

Existem três formas de não gostar de uma comida. Primeira: quando realmente o paladar, o aroma e a textura são horripídeos, abomináveis, abaixo até de expectativas rasteiras. Segunda: quando o alimento é feito com capricho, técnica apurada e ótimos ingredientes, mas existe uma incompatibilidade entre nós – não fomos feitos um para o outro. Terceira e última: quando a comida é sem graça, sem charme, sem sal e sem apelo. É a verdade do Angu!

O Angu é originário do continente africano, onde era preparado como uma papa de inhame! Surpresa e pasmem! Os escravos trouxeram a ideia e o costume para o Brasil e inicialmente usou-se a mandioca, produto farto então. Somente quando os portugueses introduziram o milho nas culturas locais a sua farinha, o fubá, passou a ser o ingrediente principal, tal como conhecemos.

Sem medo pode-se cravar que quase toda casa de São Thiago ou de Minas Gerais com traços rurais e identidade interiorana tinha o Angu como presença constante, se não obrigatória, inquestionado, natural e desejado até décadas atrás. Ele foi elevado à condição de cardeal da cultura gastronômica mineira. Entretanto, com a urbanização das comunidades, acesso a outros tipos de alimento, novos regimes de trabalho e partição do tempo diário, êxodo para as cidades maiores e a chegada de novas gerações com poder para impor aos pais suas preferências alimentares, hoje ele é somente mais um item possível à mesa. Quando aparece, pode até se transformar em quase uma comemoração de lembrança.

É possível fazer o Angu de várias maneiras: firme ou molinho; normal (sem sal) ou doce (há quem goste dele para acompanhar um bom café); de fubá mimoso (fino) ou de moinho d'água ("munho", como se fala); com o fubá direto na água quente ou diluído em água fria; feito com fubá verdadeiro ou com milho pré-cozido, a milharina, por exemplo. Aqui os tradicionalistas torcem o nariz.

Existem outras iguarias que usam o bendito. O Angu a baiana, que não nasceu na Bahia e é carioca da gema, é um Angu mole servido com um molho originalmente de miúdos. O pastel de Angu, mineiro de origem, com nascedouro atribuído à cidade de Machado, ou Itabirito ou Conceição do Mato Dentro etc., é um petisco salgado que troca a massa de farinha de trigo por outra feita de fubá, preenchido com recheios bem temperados. A famosa polenta, por último, uma iguaria italiana que pode ser servida mole, firme ou de corte e depois frita, grelhada ou assada. Meu mau humor crônico com o Angu gera uma definição debochada e provocativa para a polenta: é um Angu onde se desperdiça molho e queijo!

Uma pergunta sempre é feita, principalmente por pessoas de

outros estados: como a culinária mineira, tão famosa pelo seu tempero, pode preparar um prato como o Angu e nem colocar um pouquinho de sal? As justificativas falam que nos tempos coloniais o sal era um produto raro e caro, sendo então dispensado, ou ainda, o Angu deve acompanhar e combinar com os outros alimentos, sem ofuscar os outros pratos. Qual ofensa, que crime poderia haver em acrescentar doses civilizadas de sal, pimenta e alho para acordar o sabor e deixar a comida de hospital somente dentro do próprio? O sal, aquele que realça o sabor da vida, hoje é acessível, realmente muito barato. Não são razões, é simplesmente balela.

O Angu nos legou duas expressões interessantes: "Angu de caroço" e sua derivada "Tem caroço nesse Angu". "Tem caroço nesse Angu" qualifica uma situação onde se desconfie que haja algo suspeito, errado e difícil de confiar ou acreditar. Algo desonesto, também. "Angu de caroço" se refere ao costume dos escravos de amoiar pedaços de carne, torresmos e lascas de peixe na cuia de servir Angu, para enriquecer um pouco a qualidade da comida. Claro que tudo feito escondido do feitor da senzala e dos senhores proprietários da terra e de seus corpos.

É desanimador interrogar um apreciador de Angu sobre suas preferências alimentares. Eles são esquivos, dissimulados e fogem pela tangente. É quase necessário usar de tortura para obter algum sucesso. Quando se pergunta "– Você gosta de Angu?", assim, simples, a resposta mais ou menos retorna como "– Gosto; com jiló e feijão é muito bom!". O que realmente se quer saber é se o interrogado gosta especificamente do Angu, e não de uma mistura ou combinação. Admitir a negativa, como diria meu avô ou meu sogro, "– É baixo!".

Angu é um produto difícil, de confecção trabalhosa e demorada, tanto que tem gente que usa seu nome como sinônimo de coisa complicada e confusa. Dizem que é o primeiro a ir para o fogo e o último a ir para a mesa. Tem que mexer muito e sempre para não empelotar. Convém evitar as explosões da fervura que podem queimar os braços. Pode ser que também que seja a última panela a ser retirada da mesa, pois há quem goste de comer a raspa meio queimada, a casca assada agarrada ao metal, com leite, ou ainda aqueles que elegem o Angu com melado a sua sobremesa.

Angu não é um creminho delicado ou uma massinha de textura fina feita de fubá. Ele exige rusticidade e com certeza não será feito nas panelinhas de cerâmica de casais atuais. Todo o festival que faço em tom de brincadeira sobre seu sabor e fama gastronômica é pura encenação que convive ao lado de um respeito que o Angu, e todos os outros alimentos, devem sempre merecer, inquestionavelmente. Em épocas de dificuldades e vida dura, no passado, o fubá foi o pilar de sustentação da defesa, na falta do trigo e do arroz. Não há relevância em não gostar de Angu quando isso se defronta com seu significado e importância para todos os nossos que já partiram, mas foram criados e alimentados com a ajuda dele, onipresente em praticamente todas as cozinhas.

Após um falso final conciliador e digno apresentando uma retratação verdadeira e sincera, vem o retorno ao ferino e vingativo: "– Angu é tão ruim que nem nome de comida tem!".

O ALTO-FALANTE: A VOZ DA CIDADE

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Antes da pressa dos celulares e das notificações digitais, era costume uma voz que atravessava ruas, casas e corações em São Tiago: o alto-falante da praça. Era presença, uma companhia, que mantinha a comunidade informada e unida.

Durante décadas, o alto-falante da Igreja Matriz foi o principal meio de comunicação da cidade, uma “voz pública” que ecoava pelas ruas e fazia parte da rotina dos moradores. Segundo relato de Bruno Ribeiro Caputo, que contribui na manutenção do alto-falante e relógio da Igreja Matriz, o alto-falante por muito tempo era o meio em que a população recebia notícias, avisos e informações importantes do cotidiano.

Bruno conta que antigamente todas as manhãs, o Sr. Tiago Santiago, conhecido como Tiago do Beco, colocava um disco de banda de música para tocar e, em seguida, trazia as notícias da cidade. O som da praça percorria os bairros, quando a música começava, as pessoas paravam o que estavam fazendo.

As pessoas contam que antigamente houve episódios memoráveis, como a informação sobre os jogos da Copa do Mundo pelo alto-falante da igreja. O sinal era captado pelo rádio. Além das notícias gerais, havia avisos específicos destinados aos bairros do Cruzeiro e do Cerrado, transmitidos apenas nas igrejas dessas localidades. Antes das missas, quando a igreja ficava lotada e muitos fiéis permaneciam do lado de fora, o alto-falante era ligado para que todos acompanhassem a celebração.

Segundo Bruno o sistema sonoro passou por transformações ao longo do tempo. Inicialmente, quatro alto-falantes estavam instalados nas janelas da Igreja Matriz. Em 1996, foram deslocados para a parte superior da torre. Por volta de 2000 ou 2002, instalaram-se mais quatro, totalizando oito equipamentos. Posteriormente, houve a troca por aparelhos mais potentes, praticamente triplicando a capacidade sonora. Ainda assim, como observa Bruno, a sociedade tornou-se mais barulhenta. O crescimento urbano, o aumento de veículos e a multiplicação de sons diminuíram o alcance simbólico que antes parecia absoluto.

Relembra Bruno que com o crescimento da cidade, surgiu a necessidade de meios de comunicação mais estruturados. Assim nasceu a Rádio Criativa, há cerca de trinta anos, seguida pela União FM, há aproximadamente vinte e quatro anos. As rádios ampliaram o acesso à informação e estabeleceram uma programação contínua. Muitas notas de falecimento e comunicados passaram a ser transmitidos por elas, embora, por muito tempo, nem todas as informações chegassem à rádio, seja por limitação de horário de funcionamento, seja por costume da população.

Antes da internet e das redes sociais, as notas de falecimento eram especialmente marcantes. Ao ouvir a música fúnebre introdutória, as pessoas imediatamente silenciavam para escutar o comunicado, desligavam a televisão, abaixavam o volume do rádio, estacionavam o carro para escutar atentamente os avisos. Era um tempo em que a informação era aguardada com expectativa. Com o tempo, os grupos de mensagens e as plataformas digitais passaram a divulgar rapidamente essas informações, reduzindo a centralidade do alto-falante.

Sobre relógio da Matriz, conta Bruno, que também se integrou a essa história. O primeiro, mecânico, foi depois transferido para Mercês de Água Limpa; o segundo foi instalado em



1994 pelo Sr. Rosauro Caputo, e posteriormente foi queimado por um raio; e o atual já marca mais de trinta anos de funcionamento, sendo o terceiro relógio instalado na igreja. Houve época em que o som do alto-falante e as badaladas do relógio eram importantes para todos. Hoje, cada pessoa traz no bolso o próprio relógio, mas o sino e o alto-falante permanecem como símbolos de uma temporalidade partilhada. O Sr. Rosauro Jose Campos Caputo, desempenhou um grande trabalho voluntário na manutenção do alto-falante e relógio da Igreja Matriz.

Ao longo do ano, o alto-falante toca as músicas próprias de cada tempo litúrgico, cânticos na Quaresma, hinos da Páscoa e melodias do Advento. Com os primeiros acordes todos sabem: o tempo da Igreja havia mudado. E com ele, mudava também o ritmo da cidade.

Nas festividades, as Ave-Marias ecoavam fielmente às 12h e às 18h. Muitos paravam o que estavam fazendo, tiravam o chapéu, faziam o sinal da cruz.

Segundo Rodrigo Mendes, que prestou serviço ao alto-falante por mais de vinte anos, ele foi, e ainda é, um dos meios de comunicação mais importantes da cidade. Para muita gente, o único. “Quando morre alguém e não anuncia, o povo reclamava. Ficava sem saber”, conta. O aviso de falecimento, a missa de sétimo dia, de um mês, de um ano, tudo passava por ali. Era sinal de respeito, de comunhão e de partilha da dor.

Anunciavam-se festas religiosas, programações da paróquia, comunicados da prefeitura, avisos de utilidade pública. Quando alguém perdia a chave de casa, do carro, o celular era dado o recado. Até boi desaparecido em fazendas vizinhas já foi anunciado, conta Rodrigo. O alto-falante servia a todos, sem distinção.

Em um tempo em que muitos não ouviam a rádio local e a internet ainda não chegava a todos, aquela voz era certeza. O alto-falante tinha a função de notificação, visto que, para saber as notícias na rádio teria de ouvir continuamente. E no alto-falante querendo ou não sabia das notícias, e mesmo que não tivesse entendido a mensagem no alto-falante, as pessoas ligavam o rádio e ouviam por lá. Quem escutava, espalhava. A notícia corria de boca em boca, mas começava sempre no mesmo lugar.

O alto-falante transmite informações e pertencimento. É a prova de que ninguém está sozinho. Em São Tiago, a voz que vinha do alto, com fé, serviço e comunidade. O alto-falante tornou-se memória afetiva. Ele carrega nostalgia, lembranças de infância, de um tempo considerado mais simples, mais próximo, mais comunitário. Atualmente, sua função é menos informativa e mais simbólica: cria ambiente antes das missas, toca músicas religiosas que ajudam a compor o clima espiritual e recorda à cidade sua própria história.

Se antes ele era a principal fonte de notícias, hoje é sobretudo um sinal de identidade. O passado que continua a soar, lembrando que houve um tempo em que bastava uma música na praça para que toda a cidade parasse e ouvisse, unida, a mesma voz.

A Literatura e a Memória são-tiaguense têm reforços. Isso porque em 13 de março foi lançado o livro **MEMÓRIAS – AUTOBIOGRAFIA, DE DONATO ALVARENGA ROCHA**. A obra revisita lições de vida, experiências inesquecíveis e o olhar do autor sobre a própria trajetória – e foi celebrada durante o 2º Lançamento Literário. O evento foi realizado pela Biblioteca Pública Municipal com trilha sonora do violinista Flávio Ribeiro – e como bem definido pela pró-

pria instituição, culminou numa noite dedicada à escrita, "à música e ao encontro entre leitores, amigos, comunidade".

Importante lembrar que Donato Alvarenga é um dos 22 membros-fundadores do Sicoob Crediverentes. Assim, registramos nosso respeito e nossas congratulações e nosso reconhecimento. Uma história que fez tanta diferença para tanta gente e em tantos âmbitos merecia, de fato, ser registrada e compartilhada.

MENSAGENS RECEBIDAS POR Dr. DONATO ALVARENGA ROCHA PÓS-LANÇAMENTO DO LIVRO

Parte 2

Oi @Donato Alvarenga que homenagem linda vc recebeu do seu amigo! Ele disse tudo que te representa com muito carinho, respeito, emoção, gratidão e amizade.

Vc é merecedor dessa homenagem; e eu, no lugar de sobrinha, me sinto honrada, feliz e cheia de gratidão por ter vc em minha família.

Parabéns e que Deus continue abençoando sua vida com saúde, paz e alegria!!!

Donato Alvarenga: Muito obrigado querida sobrinha e amiga Ana Maria. Realmente é de emocionar muito. Ontem durante o evento houve muitos momentos que me emocionaram bastante. Obrigada pelas suas palavras de carinho. Um grande abraço pra você. Bjs.

Parabenizo o Ir Donato pelo lançamento de uma obra que trará lembranças inesquecíveis. TFA – Boa noite.

Palavras do Ir. Tiãozinho Andrade – 14/3/2026.

Muito bacana, Tio Donato!

Já terminei de ler o seu livro. Muito bonita a sua trajetória.

O seu livro sacramenta e registra a sua vitoriosa jornada.

Parabéns !!!

Palavras do Toninho Martins – 14/3/2026.

Bom dia meu caro amigo.

Estou feliz por você.

Obrigada pelo convite.

Gostaria de participar. efetivamente de momento tão especial, porém tenho compromisso na data, à noite, reunião de Conselho Comunitário de Pastorais; – coordeno a Capela do Senhor Bom Jesus da Pedra Branca.

Parabenizo-o e lhe desejo muita luz em seus caminhos, Deus o abençoe. Carinhosamente, Sua amiga.

Palavras da Clarice Maria de Carvalho(Ex-EMATER) – 14/3/2026.

Donato, parabéns pelo lançamento do seu livro! É inspirador ver o fruto de tanto esforço e dedicação ganhando o mundo. Desejo muito sucesso, que esta obra toque muitos corações, traga reconhecimento merecido e seja apenas o início de mais conquistas. Parabéns mais uma vez por essa realização fantástica!

Que orgulho ver seu sonho sendo realizado. Muito sucesso!

Abraços da amiga Cacá. – Maria do Carmo Alves – 14/3/2026.

Parabéns Donato, pela noite de ontem; vc deixa um marco de vida ao vivo e a cores p nós São-tiaguenses pois nós podemos aplaudir sempre pois fez mto para o crescimento de nossa cidade sempre com respeito e amor a nossa terra, nossos corações alegam por ter vc de irmão cidadão.

Márcia Alves Reis – 14/3/2026.

A primeira vez que eu vim a São Tiago foi em um momento que eu nem imaginava que mudaria tanto a minha vida. Eu estava em Viçosa, seguindo a rotina de sempre, quando encontrei o prefeito Miguel. Ele tinha sido eleito havia pouco tempo e, numa conversa simples, dessas que a gente tem sem saber que vão marcar o futuro, ele começou a me contar das dificuldades que a cidade estava enfrentando com os canais de televisão. Falou das necessidades da cidade, das coisas que precisavam ser resolvidas, e no meio daquela conversa me fez um convite: para que eu viesse a São Tiago e ajudasse a arrumar aquela situação.

Confesso que naquele momento eu não tinha ideia de tudo que aquele convite representava. Eu aceitei vir, pensando que seria algo passageiro, apenas para ajudar, resolver o problema e depois seguir meu caminho como sempre fiz. Mas a vida, às vezes, prepara caminhos que a gente não imagina.

Quando cheguei aqui pela primeira vez, algo diferente aconteceu. Não foi apenas o trabalho ou a missão que eu tinha vindo cumprir. Foi a forma como a cidade me recebeu. Desde o começo senti um acolhimento difícil de explicar. São Tiago tem uma coisa especial, uma ener-

gia que vem do seu povo. As pessoas aqui têm um jeito simples, verdadeiro, de olhar nos olhos da gente, de conversar com calma, de abrir a porta e fazer a gente se sentir parte da casa.

E foi assim que aconteceu comigo.

E vim... e simplesmente não consegui mais ir embora.

Aos poucos fui percebendo que não era apenas um lugar onde eu estava trabalhando. Aquela cidade estava se tornando parte da minha vida. Cada rua, cada conversa, cada gesto de carinho das pessoas ia criando um laço que não dava mais para desfazer.

O povo de São Tiago tem um coração enorme. A hospitalidade daqui é algo que toca a gente profundamente. As pessoas tratam quem chega como se já fosse da família, como se a gente tivesse nascido ali, crescido ali, compartilhado toda uma história junto com eles. E isso não é algo comum de se encontrar por aí.

Com o tempo, fui entendendo que São Tiago não era apenas um lugar no mapa para mim. Era um lugar no coração.

Um momento que me marcou muito foi o lançamento do livro do Donato. Estar ali, naquele evento, vendo tanta gente reunida, sentindo o carinho das pessoas, percebendo o respeito, a amizade e o acolhimento que existe naquela comunidade... aquilo me emocionou de verdade. Eu fiquei olhando ao redor e pensando em tudo que tinha acontecido desde aquele primeiro encontro em Viçosa.

Eu cheguei ali como alguém de fora. Mas naquele momento, olhando para aquelas pessoas, ouvindo as conversas, sentindo os abraços e os sorrisos, tive a sensação clara de que já não era mais um estranho.

Era como se eu tivesse nascido aqui.

É difícil colocar em palavras o valor de um sentimento assim. Em um mundo onde muitas vezes as relações são frias e distantes, encontrar um lugar onde as pessoas nos recebem de coração aberto é algo raro, algo precioso.

São Tiago me deu muito mais do que eu poderia imaginar naquele primeiro dia. Não foi apenas trabalho, nem apenas uma passagem da vida. Foi uma experiência humana profunda, feita de amizade, respeito e carinho verdadeiro.

Por isso eu digo, com toda sinceridade: o jeito que o povo de São Tiago acolhe a gente, o modo como nos fazem sentir parte da terra, parte da história, parte da comunidade... isso não tem preço.

Achillis Cheib – 15/3/2026.

Parabéns, Donato. Através das postagens tive certeza de que foi lindo! Quero ler suas histórias.

Sucesso.

Palavras da Carlita Castro Coelho – 14/3/2026.

Bença e boa noite!

Infelizmente não pude ir comemorar com o senhor o lançamento do livro.

Mas estou gostando de ler e conhecer a história do senhor.

Parabéns pelo livro e que bom poder realizar os sonhos da gente.

Sucesso e pode continuar a escrever mais histórias.

Palavras da amiga e afilhada Miriam Alves Reis – 14/3/2026

Oi Dodô, bom dia!

Que festa linda de lançamento do seu livro! Só homenagens sinceras, vindas do coração de seus amigos!

A história do pandeiro "autografado" eu não conhecia. Muito bacana também!

Vc é merecedor de todo carinho e amizade, porque sua vida foi pautaada nesse pilar!

Sinto muito, mas muito mesmo, a Dedé não estar lúcida para presenciar tudo isso, porque, com certeza, ela ficaria cheia de orgulho do marido!

Mas, nós (eu, meus pais, Toninho, Clarice...) sua família, do lado da Dedé, estamos aqui pra te aplaudir, de pé!!!

Bjos.

Palavras da amiga e sobrinha Ana Maria Mol – 14/3/2026.

ALBERGUE SÃO FRANCISCO DE ASSIS COMPLETA 47 ANOS DE HISTÓRIA E SERVIÇO À COMUNIDADE



Por Marcus Santiago

O Albergue São Francisco de Assis comemorou, no dia 11 de abril de 2026, seus 47 anos de fundação com uma solenidade realizada em sua sede. O evento reuniu diretoria, funcionários, voluntários, autoridades, representantes de instituições parceiras e a comunidade em geral.

A celebração foi marcada por momentos de gratidão e reconhecimento à trajetória da instituição, que, ao longo de mais de quatro décadas, tem se dedicado ao acolhimento e cuidado da pessoa idosa, promovendo dignidade e qualidade de vida.

De acordo com registros do Livro de Tombo da Paróquia de São Tiago, a construção do Albergue ocorreu entre 1977 e 1978, sob a idealização do Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira. A inauguração oficial foi realizada em 31 de março de 1979.

Nos registros, Monsenhor Eloi destaca a participação da comunidade na concretização da obra, com grande auxílio dos membros da Sociedade São Vicente de Paulo. Ressalta, ainda, a contribuição do Cel. Raul Mourão Guimarães, homenageado com um marco — uma pequena coluna artística em frente ao pavilhão central — e com um retrato no refeitório da instituição.

O documento também descreve a estrutura inicial do Albergue, composta por quatro pavilhões com cubículos individuais, espaços destinados a casais e um pavilhão central que abriga cozinha, refeitório, despensa, serviço de saúde e secretaria. Foi construída, ain-

da, uma casa anexa destinada ao acolhimento de irmãs, responsáveis pela direção da obra e pelo apoio a outras ações sociais da paróquia.

Durante a programação, foram realizados momentos simbólicos, como a leitura do marco fundacional, homenagens a ex-presidentes e colaboradores e uma homenagem póstuma ao Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira. A cerimônia contou também com apresentação musical da Lira da Imaculada Conceição e o descerramento de uma placa em memória do fundador.

Apresentações artísticas realizadas por funcionários e acolhidos marcaram o evento, evidenciando a vitalidade e a importância social da instituição. Autoridades presentes destacaram, em seus pronunciamentos, o papel do Albergue no município.

Um momento de oração e ação de graças foi conduzido pelo missionário e vicentino Tiago Eduardo, que agradeceu pela trajetória da instituição e por todos que contribuíram para sua consolidação ao longo dos anos.

A solenidade foi encerrada pela presidente, Etelvina Ribeiro, que agradeceu a presença de todos. Em seguida, os participantes participaram de um momento de confraternização, com café com biscoitos.

Atualmente, o Albergue São Francisco de Assis é mantido por meio de subvenções sociais, emendas impositivas, doações da comunidade e contribuições dos próprios acolhidos, consolidando-se como uma importante instituição de longa permanência para idosos da cidade e região.

UNIMES EAD COMPLETA 12 ANOS EM SÃO TIAGO



Por Marcus Santiago
Gestor da UNIMES

A Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) completa 12 anos de atuação em São Tiago, consolidando-se como uma importante alternativa para a formação de profissionais e ampliação do acesso ao ensino superior no município.

O polo da instituição foi implantado em 2014, com o objetivo de levar a modalidade de ensino a distância (EaD) à cidade, especialmente após o encerramento das atividades de outra instituição de ensino superior que atuava no município. Nos primeiros anos, o modelo enfrentou desafios, como a desconfiança da população e a baixa procura pelos cursos.

A mudança desse cenário teve início cerca de dois anos após a implantação, com a formação da primeira turma, por meio de cursos de segunda licenciatura. A partir desse momento, a credibilidade da instituição aumentou significativamente, impulsionando o crescimento da demanda.

Entre os principais desafios iniciais, destacou-se o preconceito em relação ao ensino a distância. À época, algumas empresas chegaram a restringir, em seus editais de contratação, a participação de candidatos estudantes dessa modalidade, priorizando cursos presenciais de instituições públicas e privadas. No entanto, com o avanço das tecnologias e a consolidação do EaD, essa realidade foi sendo gradualmente transformada.

Atualmente, o polo da UNIMES funciona na sede da APAE de São Tiago, localizada na Rua São José, no Centro, oferecendo atendi-

mento presencial com professores-tutores, além de suporte contínuo aos estudantes por meio do ambiente virtual de aprendizagem.

A instituição disponibiliza cursos de pós-graduação lato sensu, bacharelados, tecnólogos e licenciaturas voltadas à formação de professores da Educação Básica. A modalidade a distância, atualmente em formato semipresencial, possibilita aos estudantes o acesso ao ensino superior com custos reduzidos, sem a necessidade de deslocamento diário, além de garantir flexibilidade de horários e estudo por meio de plataforma digital, com apoio do polo local.

O impacto no mercado de trabalho também é significativo. Ex-alunos já conquistaram vagas em concursos públicos, estágios e processos seletivos em instituições públicas e privadas, ampliando suas oportunidades profissionais.

Além de atender à população local, o polo recebe estudantes de diversas cidades da região. Entre as localidades com maior procura pelos cursos estão Oliveira, Ritápolis, Mercês de Água Limpa, Bom Sucesso, São João del-Rei, Carmo da Mata e Ibituruna, entre outras.

A universidade mantém ainda parceria com a Prefeitura de São Tiago, no desenvolvimento do programa social Bolsa Aprendizagem Profissional, voltado aos alunos dos cursos de Administração e Pedagogia.

Com avaliação positiva no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), a UNIMES reafirma seu compromisso com a qualidade de ensino, aliando tradição acadêmica às ferramentas da educação a distância e ao modelo semipresencial.

Livro resgata memórias e valoriza histórias das Moças do Bengo

Por Marcus Santiago



Na tarde de 18 de abril de 2026, o Salão Paroquial do Edifício São José, em São Tiago, foi palco de um importante evento cultural: o lançamento do livro “Tecendo Histórias – Antologia sobre as Moças do Bengo”. A sessão solene reuniu autoridades, autores, representantes de instituições, familiares e membros da comunidade, celebrando a memória, a cultura e as tradições locais.

A cerimônia teve início às 15h, com a exposição de objetos e itens que remetem à vida das protagonistas da obra. Logo na entrada do salão, estavam dispostos objetos que pertenceram às Moças do Bengo, além de outros que representam momentos marcantes de suas vidas, juntamente com o projeto em 3D da fazenda. O sentido olfativo também foi cuidadosamente explorado: colchas, toalhas de mesa e bordados foram lavados com patchouli, planta utilizada por elas para alvejar as roupas, proporcionando uma experiência ainda mais sensorial e significativa.

A acolhida foi marcada pelo reconhecimento da relevância do livro, que se propõe a resgatar e preservar narrativas de mulheres que contribuíram para a formação histórica e social da comunidade. O evento destacou o caráter coletivo da publicação, construída a partir da escuta de relatos familiares e da valorização da tradição oral.

A data de lançamento foi cuidadosamente escolhida, considerando que, há 121 anos, alguns membros da família faleceram em decorrência da febre amarela. Tempos depois, quando o Sr. Modesto de Castro manifestou o desejo de se casar, a ideia não foi aceita pelas filhas e, por acordo, decidiram que nem ele nem elas se casariam, dando, assim, início à história das Moças do Bengo.

Compuseram a mesa de honra a representante do Sicoob Creditverentes, Adriana de Paula Sampaio Martins; a presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST), Maria Elena Caputo de Castro; Ambrosina Maria de Castro e Coelho, representando a família Castro; além dos autores da obra: Carlita Maria de Castro e Coelho, Fernando de Castro Campos e Helton Reis de Castro.

Durante a solenidade, foi ressaltado que a publicação vai além

de um simples registro histórico. A antologia busca dar visibilidade a trajetórias de vida, afetos, lutas e experiências que marcarão gerações, evidenciando o protagonismo de mulheres muitas vezes ausentes dos registros oficiais, mas fundamentais na construção da identidade local.

Um dos momentos marcantes da programação foi a apresentação musical do violinista Hygor Santiago Lara, que contribuiu para a ambientação cultural do evento. Em seguida, foram lidas as biografias dos autores, evidenciando suas formações, trajetórias profissionais e vínculos com a história e a cultura de São Tiago.

Nos pronunciamentos, os autores destacaram o processo de construção da obra, marcado pela pesquisa, sensibilidade e compromisso com a preservação da memória. Também compartilharam reflexões sobre a importância de registrar histórias que, por muito tempo, permaneceram restritas ao âmbito familiar e comunitário.

Representantes institucionais reforçaram o valor do projeto para a cultura local, ressaltando o papel das parcerias na viabilização da publicação.

O lançamento também teve caráter solidário. Os organizadores incentivaram o público a contribuir com doações destinadas à APAE e ao Albergue São Francisco de Assis, por meio da aquisição do exemplar, cuja arrecadação foi revertida para essas instituições, reforçando o compromisso social da iniciativa.

Encerrando a programação, os participantes foram convidados para um momento de confraternização, com café solidário oferecido pela família Castro, seguido da distribuição dos exemplares e de uma sessão de autógrafos.

A obra “Tecendo Histórias – Antologia sobre as Moças do Bengo” consolida-se como um importante instrumento de valorização da memória coletiva, reafirmando a importância de preservar histórias que constituem a identidade cultural de São Tiago e de seu povo.

AGRADECIMENTO

Aconteceu dia 18 de abril, no Salão Paroquial São José, em São Tiago, o lançamento do livro “Tecendo Histórias – Antologia sobre as Moças do Bengo”.

Foram momentos maravilhosos, inesquecíveis! Contamos com a presença e participação de numerosos amigos e descendentes da família Castro, de várias cidades, regiões, comunidades e moradores locais. Compartilhamos saudades, lembranças, histórias e um delicioso café com biscoitos, bem à moda das Moças do Bengo. Adquirimos novos conhecimentos artísticos, aprendemos muito sobre outras culturas, através de apresentação de mensagens e homenagens, o que enriqueceram ainda mais nossas experiências e pesquisas.

Agradecemos, pois, aos patrocinadores, colaboradores, organizadores, comissões auxiliares e a todos os participantes que nos proporcionaram, carinhosamente, esta imensurável oportunidade de alegria e felicidade.

Estamos certos de que, com esse registro tão bem vivenciado e compartilhado, nossas queridas tias, as Moças do Bengo, jamais serão esquecidas.





Truco

Por Fabio Antônio Caputo
Membro do IHGST

A origem do jogo de Truco é incerta, algo natural para muitas práticas e atividades com regras e conhecimentos que vão se adaptando a mudanças por influências externas e customizações locais. É considerado provável que tenha surgido no Reino de Valência na Espanha, ou na Inglaterra, no século XVII. O nome seria uma referência ao termo espanhol “truco”, significando uma habilidade para iludir ou enganar, ou à palavra francesa “truc”.

O Truco adentrou em Minas Gerais nas bagagens de jesuítas europeus, provavelmente no mesmo século XVII de sua suposta criação. Esses religiosos, por sua vez, ensinaram o jogo aos bandeirantes que em suas andanças buscando riquezas minerais disseminaram as manilhas fixas, ou, o Zap, a Espadilha e os Setes de Copas e Ouro pelos cantos de Minas nos tempos do Ciclo do Ouro. Essa é a fundamentação histórica básica do Truco Mineiro, uma tradição cultural de fortíssimas raízes repletas de mineiridade. O Truco Paulista pode até ser o mais jogado no país, mas considera-se que o Truco Mineiro é “o original”, “o Truco de verdade”, aquele mais próximo do presente dos jesuítas.

No Brasil as modalidades de Truco mais conhecidas e praticadas são o Truco Mineiro, o Truco Paulista, referidos anteriormente, e o Truco Gaúcho ou Gaudério. O Truco Mineiro, que é a nossa referência, é um jogo de cartas do tipo conhecido como “jogo de vazas”, ou seja, a estrutura da disputa dá a vitória às cartas mais poderosas. Neste tipo de truco as quatro cartas especiais e de valor mais alto são fixas e chamadas de “manilhas”: Quatro de Paus (Zap), Sete de Copas (Copeta), Ás de Espada (Espadilha) e Sete de Ouros (Pica-Fumo). Os apelidos Copeta e Pica-Fumo parecem não ser muito conhecidos na nossa região. Utiliza-se o Baralho Francês (sem os 8, 9 e 10). Uma partida é composta por Mãos, quando cada jogador recebe três cartas. Cada Mão é uma melhor de três rodadas de cartas apresentadas. A Mão inicial vale dois pontos e aumenta com as apostas. Vence a dupla que alcançar doze pontos.

O Truco Paulista, também jogado com o baralho francês, diferencia-se do Truco Mineiro pela pontuação e principalmente pela forma de definição das manilhas. No paulista as manilhas não são fixas e sim definidas por uma carta virada aleatoriamente, a chamada “vira”. O Truco Gaúcho usa baralho espanhol e possui seu próprio molde de pontuação, formas peculiares de apostas paralelas e manilhas fixas, porém levemente diferentes do Truco Mineiro: Sete de Ouros, Sete de Espadas, Um de Paus e Um de Espadas (o número Um substitui o ás).

O baralho francês é este com o qual nos acostumamos. É dividido em naipes (Ouros, Copas, Espadas e Paus). Apresenta cartas numeradas e três figuras: Valete, Dama e Rei, conhecidas pelas letras J, Q e K. O interessante é que a origem é francesa, mas as letras que as representam vieram do inglês Jack, Queen e King. No baralho espanhol existem quatro conjuntos de nove cartas numeradas e três figuras distribuídas por naipes (Ouros, Copas, Espadas e Bastos). Estes naipes não são símbolos simplificados: Ouros são moedas; Copa significa taça, diferente da Copa coração do baralho francês; Es-

pada é o obvio; Bastos são cajados ou porretes cheios de nós. Nas figuras tem-se a Sota, equivalente ao Valete, o Cavalo e o Rei. Não existe a figura feminina da Dama.

Para marcar os pontos do jogo, em um mundo ideal, seriam usados tentos olhos de cabra, uma semente natural muito bonita, de vermelho vivo com uma mancha preta. Como esta árvore é rara alguns recorrem a tampinhas de cerveja, uma solução bastante lambona. No meio termo simpático utilizam-se grãos de milho ou feijões, que mantêm o espírito da coisa na mesa de Truco.

Pelo que já foi visto o Truco é um jogo de cartas mais altas, mas essa pretensa simplicidade encerra-se em si mesma. Ele é um jogo de azar porque é necessário que as cartas certas apareçam na hora certa e não há jogo de blefe contínuo que se sustente. Ele é um jogo de altíssima estratégia, que exige total domínio das condições e oportunidades de aposta e um preciso planejamento do uso das principais armas, tanto na escolha quanto no momento adequado. É principalmente um jogo de enganação, de blefe, sujeitando o adversário a acreditar que esteja fraco para vencer a rodada.

Coroando tudo isso o Truco existe meio a espertezas e safadezas que não deveriam existir, mas existem e são aceitas como normais. A primeira é a montagem do maço: o jogador que vai embaralhar as cartas separa algumas e as colocam em certa ordem, de tal forma que sendo o baralho cortado por outra pessoa, essas cartas sairão numa sequência de acordo com seu plano e desejo. Acertar sinais com o parceiro é recorrente. Os sinais podem ser combinados caso a caso, ser típicos de certa localidade, mas alguns dos mais básicos são: estar de posse do Zap, “uma piscadela”; estar cheio de manilhas, “encher a bochecha”; estar de posse de uma dupla de três, “levantar os ombros” etc. A gritaria é recurso para provocar e acovardar os adversários. Vale ficar de pé, pular, apontar agressivamente, bater na mesa. Os principais gritos do Truco são: “Truco!”, “Vale seis (ou mais)”, “Corre, la-drão”, “Mão de onze”, “Truco ou foge” etc., e mais algumas ofensas confortáveis.

Mesmo quem não joga, não conhece as regras e nem tem interesse pelo assunto reconhece a importância do jogo como elemento cultural e costume apto a aproximar gerações. Falar de truco, como símbolo de baralho, me faz lembrar meu avô Preste jogando com os amigos na saleta de sua casa na saída para Vargem. Na verdade eles jogavam Cacheta, um jogo de trincas e sequências parecido com o Pif Paf, contudo com mais pé na terra, mineiridade do interior e menos um divertimento e passatempo. Isso não importa agora. Cenas como estas, marcadas na memória, certamente terminarão e serão esquecidas, mas o Truco, como outros jogos, depois da hecatombe nuclear necessitará simplesmente de um pedaço de papel de pão com as regras rascadas e de um exemplar ordinário de baralho que tenham escapado para ressuscitar e continuar existindo, mesmo que um pouco diferente. A fábrica da Copag em Manaus tem capacidade instalada para produzir 30 milhões de baralhos por ano. Basta que um sobreviva! Existe alguma chance! O Truco pode dar sorte!

Dizem que não existe amizade que impeça a oportunidade de dar um grito de Truco no pé do ouvido do amigo. O Truco comemora seu aniversário no Brasil no dia 11 de julho.

DOIS SÉCULOS E MEIO DA PUBLICAÇÃO DE “A RIQUEZA DAS NAÇÕES”

Adam Smith, 250 anos depois: entre o pensamento original e os mitos do mercado.



Adam Smith

A obra de Smith contém argumentos que podem ser mobilizados não apenas em defesa dos mercados, mas também em defesa de instituições públicas fortes.

Em março de 1776, um professor escocês de Filosofia Moral da Universidade de Glasgow publicou um livro que mudaria profundamente o debate sobre economia e prosperidade. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, conhecido simplesmente como *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, tornou-se uma das obras fundadoras da economia política moderna.

Duzentos e cinquenta anos depois, Smith continua sendo citado com frequência, mas raramente é lido com o cuidado que merece. Ao longo do tempo, muitas de suas ideias foram reduzidas a slogans ideológicos, frequentemente utilizados para sustentar interpretações simplificadas do funcionamento da economia.

Smith escrevia em um contexto muito específico: o declínio do mercantilismo europeu e o início da Revolução Industrial. Seu objetivo era compreender como as sociedades produzem riqueza e quais instituições favorecem esse processo.

Entre suas contribuições mais conhecidas está a análise da divisão do trabalho, ilustrada pelo famoso exemplo da fábrica de alfinetes. Smith demonstrou que a especialização das tarefas aumenta dramaticamente a produtividade e permite expansão da produção e do comércio.

Outro ponto central de sua obra é o papel dos mercados na coordenação das atividades econômicas. Ao buscar seus próprios interesses dentro de regras claras, indivíduos e empresas acabam contribuindo para resultados socialmente úteis.

Mas o ponto mais frequentemente ignorado por interpretações ideológicas é o terceiro: o papel indispensável das instituições públicas. Smith não defendia a ausência do Estado. Ao contrário, reconhecia explicitamente funções essenciais do poder público: garantir justiça, segurança, infraestrutura e educação — áreas nas quais o mercado, por si só, tende a falhar.

É justamente aqui que surgem algumas das distorções mais repetidas no debate contemporâneo.

Na retórica de parte da direita econômica global, inclusive no Brasil, Smith costuma ser apresentado como defensor de um *laissez-faire* absoluto, como se tivesse proposto uma economia totalmente livre de Estado. Essa leitura não encontra respaldo no texto original.

Smith criticava privilégios, monopólios e cartéis — frequentemente protegidos pelo Estado mercantilista de sua época. Mas isso não significava negar a importância do Estado; significava defender instituições públicas mais eficientes e menos capturadas por interesses privados.

Outro equívoco comum envolve a famosa expressão “mão invisível do mercado”, frequentemente apresentada como se fosse uma teoria universal da autorregulação econômica. Na realidade, Smith utilizou essa expressão apenas de forma pontual. Ela nunca aparece em sua obra como justificativa

para eliminar regulação, política pública ou ação estatal.

A transformação dessa metáfora em dogma ocorreu muito depois, sobretudo no século XX, quando determinadas correntes do pensamento econômico passaram a utilizá-la como símbolo de uma visão ideológica de mercado autorregulado.

Nesse contexto, costuma-se também apresentar Adam Smith como o “oposto” de John Maynard Keynes. Essa oposição, porém, é historicamente equivocada.

Smith escreveu no século XVIII, no início da economia industrial. Keynes escreveu no século XX, após a Grande Depressão, quando o capitalismo já enfrentava crises macroeconômicas complexas. Eles não eram contemporâneos nem tratavam exatamente dos mesmos problemas.

Na verdade, Keynes não rejeitava a economia clássica de Smith. Seu objetivo era corrigir uma lacuna importante: explicar por que economias de mercado podem entrar em recessões prolongadas e exigir intervenção macroeconômica do Estado.

Enquanto Smith estava preocupado com os mecanismos de geração de riqueza e produtividade, Keynes analisava os problemas de instabilidade, desemprego e insuficiência de demanda agregada nas economias modernas. Não são rivais diretos. São pensadores de momentos diferentes da evolução do capitalismo.

Curiosamente, quem mais perde ao abandonar a leitura de Adam Smith é a própria esquerda.

Smith foi um crítico severo de monopólios, de privilégios corporativos e da captura do Estado por interesses econômicos organizados. Ele alertava que empresários frequentemente se reúnem “mesmo que para diversão”, mas acabam conspirando contra o público ao restringir a concorrência. Também reconhecia os efeitos sociais negativos da extrema divisão do trabalho sobre os trabalhadores — razão pela qual defendia a educação pública como política essencial.

Esses elementos mostram que a obra de Smith contém argumentos que podem ser mobilizados não apenas em defesa dos mercados, mas também em defesa de instituições públicas fortes, competição justa e proteção contra abusos de poder econômico.

Ler Smith de forma madura significa, portanto, evitar duas armadilhas: transformá-lo em ícone de um mercado sem Estado ou descartá-lo como um autor ultrapassado associado apenas ao liberalismo econômico.

Se há uma lição duradoura em *A Riqueza das Nações*, ela está no esforço de compreender como instituições, incentivos e organização social moldam a prosperidade das sociedades.

Duzentos e cinquenta anos depois, talvez a melhor homenagem a Adam Smith seja simplesmente esta: lê-lo de verdade e não usá-lo apenas como argumento de autoridade em debates ideológicos.

1926 – 2026

100 anos de João Gurgel, o criador da única montadora brasileira independente

Por Gabriel Gouvêa

No dia 26 de março de 1926 nascia, em Franca, no interior de São Paulo, o engenheiro João Augusto Conrado do Amaral Gurgel, responsável por uma das iniciativas mais marcantes da indústria automobilística nacional. Cem anos depois de seu nascimento, Gurgel é lembrado como o criador de uma das poucas marcas brasileiras de automóveis, fundada com o objetivo de desenvolver veículos com tecnologia própria no país.

Desde jovem, Gurgel demonstrava interesse em produzir um carro popular nacional. Ainda estudante da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, ouviu de um professor que “automóvel não se constrói, se compra”. A frase não o afastou da ideia de desenvolver veículos adaptados à realidade brasileira.

Após se formar, ele recebeu uma bolsa de estudos da General Motors nos Estados Unidos. Durante esse período, teve contato com novas tecnologias automotivas, incluindo o uso da fibra de vidro, material que posteriormente seria aplicado em projetos de veículos no Brasil.

CRIAÇÃO DA GURGEL MOTORES

Antes de iniciar a fabricação de automóveis, Gurgel criou a empresa Moplast, dedicada à produção de peças em acrílico e fibra de vidro. A partir dessa iniciativa, passou a desenvolver karts e veículos motorizados para crianças, conhecidos como Gurgel Jr., apresentados no primeiro Salão do Automóvel do Brasil, em 1960.

Em 1964, abriu uma concessionária Volkswagen chamada Macan, experiência que ajudou a aproximá-lo da indústria automotiva. A parceria com a montadora alemã permitiu que Gurgel recebesse um chassi para desenvolver um veículo próprio. O resultado foi o Macan-Gurgel 1200, posteriormente rebatizado de Ipanema, considerado o primeiro buggy produzido no Brasil.

O sucesso do projeto incentivou a criação da Gurgel Motores S.A., fundada em 1969. Entre os veículos lançados pela empresa, destacou-se o modelo Xavante, mais tarde chamado de X-12, um dos automóveis mais conhecidos da marca.

FÁBRICA EM RIO CLARO E PROJETOS INOVADORES

Em 1975, Gurgel inaugurou uma fábrica em Rio Claro, no interior paulista. A cidade se tornaria um dos principais polos da produção da marca.

Na mesma década, o engenheiro apresentou projetos pioneiros de mobilidade elétrica. Um deles foi o protótipo E-150, desenvolvido nos anos 1970 como uma das primeiras experiências de veículo elétrico nacional. Pouco tempo depois, a empresa lançou o Itaipu, considerado um dos primeiros carros elétricos produzidos no Brasil.

Nos anos 1980, Gurgel continuou investindo nesse tipo de tecnologia e desenvolveu o E-400, um veículo elétrico utilizado voltado a atividades urbanas e industriais.



A ideia de criar um veículo popular totalmente nacional se concretizou em 1987 com o lançamento do BR-800. O modelo utilizava um motor de dois cilindros desenvolvido pelo próprio engenheiro, chamado Enertron, com 800 cm³ e 36 cavalos de potência.

CRISE E ENCERRAMENTO DA EMPRESA

No início da década de 1990, mudanças na política econômica brasileira afetaram o setor automotivo. A abertura do mercado para veículos importados e alterações em incentivos fiscais reduziram a competitividade da fabricante nacional.

Com dificuldades financeiras e endividamento, a Gurgel Motores encerrou suas atividades em 1994, após produzir cerca de 7 mil unidades do BR-800 e aproximadamente 40 mil veículos ao longo de sua história.

ÚLTIMOS ANOS

João Gurgel faleceu em 30 de janeiro de 2009, aos 83 anos, em decorrência de complicações da doença de Alzheimer. Nos últimos anos de vida, acompanhou à distância o fim da empresa que havia criado.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela marca, o engenheiro permanece como um dos nomes associados à tentativa de desenvolvimento de uma indústria automotiva com tecnologia nacional.

DOCUMENTÁRIO RESGATA HISTÓRIA DA MARCA EM RIO CLARO

A trajetória de João Gurgel também é retratada no documentário “Gurgel e o Sonho da Cidade Azul”. O longa-metragem reúne depoimentos de ex-funcionários, pesquisadores e colecionadores que reconstroem a história da fábrica instalada em Rio Claro e a importância da empresa para a cidade.

Com 113 minutos de duração, o filme foi dirigido pelo cineasta Iberê Santos, que viveu a infância em Rio Claro e decidiu investigar a história da fábrica que marcou a cidade, sendo realizado em parceria com o Grupo Rio Claro SP.

A produção teve exibição especial no Centro Cultural e Shopping Rio Claro e também deverá integrar a programação do Museu de Rio Claro. Atualmente, o documentário está em fase de comercialização para ser adaptado como uma minissérie documental de quatro episódios em uma plataforma de streaming.

Além disso, os responsáveis pela produção estão organizando uma exposição especial com materiais pesquisados para o filme, que será apresentada no Museu Amador Bueno, em Rio Claro. O espaço será inaugurado no dia 30 de maio, com a presença de veículos da marca Gurgel e a exibição do documentário ao público.

Fonte: www.gruporioclarosp.com.br



Bento de Jesus Teixeira e a
Fazenda Capão das Flores
(Cena de Abertura)



O Alferes José da Silva
Campos e sua Família
(A Geração Seguinte)

MORADORES DA REGIÃO PARAGEM DO RIO DO PEIXE (SÃO TIAGO) – SÉCULO XVIII

BENTO DE JESUS TEIXEIRA – O 1º proprietário (provavelmente) da Fazenda Capão das Flores

Bento de Jesus Teixeira era português, natural de Silves, Algarves, filho de Lourenço Teixeira e Andreza de Jesus; possivelmente o primeiro proprietário da Fazenda Capão das Flores, na aplicação de São Tiago, região conhecida, então, como “Paragem do Rio do Peixe”, meados do século XVIII. Foi casado em primeiras núpcias com a sra. Maria José, sem geração; e, em segundas núpcias, com D^a Antonia Ribeiro da Silva, natural de Borda do Campo (Barbacena), nascida aos 14-05-1746, batizada aos 02-06 do mesmo ano, filha de Dionísio da Silva (+ 14-10-1766 em Ibituruna) e de D^a Rosa de Oliveira Lima.

D^a Rosa de Oliveira Lima, por sua vez, era natural de Barbacena, filha de Antonio de Faria Moreira e Ignez Ribeiro de Lima. Casou aos 15-11-1745 em Barbacena com Dionísio da Silva. Casal com 4 filhos: I – Maria da Silva, n/b em Barbacena em 1754, casada com Sebastião José Esteves, igualmente um dos proprietários sucessores da Fazenda Capão das Flores e patriarca da família Esteves em nosso meio; II. Antonia Ribeiro da Silva, batizada em Barbacena aos 02-06-1746; casada em 1^{as} núpcias com Bento de Jesus Teixeira e em 2^{as} núpcias com o Alf. José da Silva Campos; III. Ignez, batizada aos 12-01-1756, falecida aos 01 de maio do mesmo ano; IV. Ana Joaquina, nascida aos 05-09-1757, batizada aos 12 do mesmo mês e ano; casada aos 04-07-1787 na Ermida de Nossa Senhora do Rosário com José da Silva Coelho (Inventário de Dionísio da Silva – 1767 – Cx 303 – IPHAN/SJDR).

Bento de Teixeira faleceu aos 24-08-1772 sem testamento, sendo seu inventário aberto aos 15-10-1772. (Inventário de Bento de Jesus Teixeira – 1772 – cx. 292 – IPHAN/SJDR). Viúva, D^a Antonia Ribeiro da Silva casou, em segundas núpcias, aos 18-08-1774 na matriz do Pilar em São João Del-Rei com o

Alferes José da Silva Campos, natural de São Pedro de Avintes, comarca de Feira, bispado do Porto, nascido por volta de 1736, filho de Manoel Alves Campos e Maria Francisca. Filhos do casal José da Silva Campos e Antonia Ribeiro da Silva: Narcisa, Josefa, Custódia, Joaquim, Vicente, José.⁽¹⁾

José da Silva Campos, por sua vez, ditou seu testamento aos 29-07-1804, falecendo aos 05-03-1811, “cego e sem tino”, sendo inventariado pelo genro o Alf. Antonio Peixoto do Amaral – inventário aberto aos 09-05-1811. (Inventário de José da Silva Campos – 1811 – Cx. 470 – IPHAN/SJDR). D^a Antonia Ribeiro era já falecida em 1803 (conforme consta no casamento do filho Vicente). Falecera (D^a Antonia Ribeiro) em agosto de 1801, conforme consta no testamento de José da Silva Campos.

Bens de raiz:

- Fazenda do Capão das Flores, composta por matos virgens e capoeiras, casas de vivenda cobertas de telhas, moinho também coberto de telhas, paiol e senzalas cobertas de capim – 260\$000
- Terras de cultura, matos virgens, capoeiras, campos, logradouros, terras minerais e águas em sociedade com Sebastião José Esteves – 700\$000

Filhos do Casal Bento de Jesus Teixeira e Antonia Ribeiro da Silva:

1- Antonio Ribeiro de Jesus com 9 anos (1772). Casado aos 11-01-1788 em São João Del-Rei com Ana Maria dos Anjos, filha de José Machado Tostes e Ana Maria do Rosário (Projeto Compartilhar – José Machado Tostes)

2- Maria com 7 anos (1772.) “Doente”, segundo os Autos de Contas constantes/ anexos ao inventário paterno.

3- Genoveva com 6 anos (1772). Casou aos 28-04-1788 na



capela de São Tiago com José Alves Pereira, filho de Gaspar Alves de Mello e Angela Pereira da Anunciação; mudaram-se para Pouso Alto, termo de Baependi, onde foram proprietários da Fazenda São José. Casal com cinco filhos. D^a Genoveva falecida/inventariada em 1832 pelo filho José Alves Pereira de Mello (Projeto Compartilhar – Rosa de Oliveira Lima / João Batista de Souza).

4- Clara Rosa da Assumpção com 5 anos (1772). Casada em 1788 na igreja de Bom Sucesso com Manoel Machado Tostes, filho de José Machado Tostes e Ana Maria do Rosário (Projeto Compartilhar – José Machado Tostes).

5- Manoel Ribeiro da Silva com 2 anos (1772) casado aos 11-11-1823 com Cândida Maria. Foram residentes em Lages/SC.

Os órfãos foram tutelados por Sebastião José Esteves, conforme prestações minuciosas constantes nos Autos de Contas em anexo ao inventário de Bento de Jesus Teixeira).

NOTAS

(1)- Filhos de José da Silva Campos e Antonia Ribeiro da Silva:

I - Narcisa Ribeiro da Silva – casou aos 30-04-1801 na capela de São Tiago com o Alferes Antonio Peixoto do Amaral, filho de João Peixoto do Amaral e Ana Barbosa de Magalhães. O Alf. Antonio Peixoto do Amaral era irmão de Pe. João Peixoto do Amaral, capelão, sob licença, da capela de São Tiago (1802).

II - Josefa Maria Joaquina de Jesus (ou Silva) batizada aos 29-07-1787 na capela de São Tiago. Casou aos 01-06-1806 na Ermida São Vicente, aplicação de São Tiago, com Manoel Coe-

lho de Oliveira, filho homônimo de Manoel Coelho de Oliveira e Ana Dias de Oliveira. Moradores na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre de Resende – Paraíba Nova e Nova Resende/MG.

III - Custódia Ribeiro da Silva casada com Antonio Pereira Leite. Residentes em Pouso Alto (1804) e Paraíba Nova (1811).

IV - Joaquim da Silva Campos com 34 anos em 1811. Reconheceu a filha Maria Joaquina da Silva, “nascida de Gertrudes Maria de Jesus, mulher parda, que fora minha escrava, presentemente forra e liberta” como sua herdeira universal. Maria Joaquina da Silva viria a se casar com José da Silva Flores. Joaquim da Silva Flores redigiu seu testamento aos 26-02-1813 na Fazenda do Capão das Flores. Falecendo aos 10-04-1813, sendo testamenteiro o Cap. Máximo Barroso Pereira e inventariante o Cap. Bernardo José Gomes Carneiro (Inventário de Joaquim da Silva Campos – 1828 – Cx 18 – IPHAN/SJDR).

V - Vicente José da Silva casado com Esméria Maria de Jesus, moradores na aplicação de São Tiago.

VI - José da Silva Campos com 8 anos (1801). Batizado aos 06-06-1792 na capela de São Tiago pelo Capelão Pe. Francisco Rodrigues Pacheco, sendo padrinhos José Alves Pereira e Genoveva Ribeiro.

(Testamento e Inventário de José da Silva Campos – Ano 1811 – Cx. 470 – IPHAN/SJDR)

Sobre a Fazenda Capão das Flores, ver matérias em nosso boletim nºs CXXXVIII – março/2019 e CLVII – outubro/2020.

JOSÉ DA SILVA CAMPOS – DADOS EXTRAÍDOS DE SEU TESTAMENTO

O Alf. José da Silva Campos declarou ser n/b na freguesia de São Pedro de Avintes, bispado do Porto, filho de Manoel Alves Campos e Maria Francisca. Morador na Fazenda Capão das Flores, aplicação da capela de São Tiago, termo da vila de São José. Testamento datado de 29-07-1804 lavrado em casa do Pe. Manoel Antonio de Castro.

Declarou ser casado com Antonia Ribeira da Silva, viúva de Bento de Jesus Teixeira e falecida em agosto de 1801.

Filhos do casal:

- I. Josefa c/c Manoel Coelho
- II, Custódia Ribeiro c/c Antonio Pereira Leite, moradores na freguesia de Pouso Alto
- III. Narcisa c/c Alferes Antonio Peixoto do Amaral
- IV. Joaquim da Silva Campos
- V. Vicente, casado, morador na freguesia de Pouso Alto
- VI. José com 8 anos (1804)

José da Silva Campos declarou ter ainda três filhos naturais, tidos antes de se casar, a saber:

VII. Florinda c/c Manoel José de Barros, proprietários da Fazenda da Sesmária, aplicação de São Tiago. Ver matéria em nosso boletim nº CLXXXIX – junho/2023

VIII. Ana c/c Manoel da Silva Tavares, moradores em Ponte Nova

IX. José da Silva Campos c/c “filha de João Batista de Sousa e Leonor Pinto” (Ana Rosa da Anunciação, casada aos 01-06-1794 na capela de São Tiago – Livro de Assentamento de Casamentos fls. 394)

Sobre João Batista de Sousa e Leonor Pinto da Anunciação, sesmeiros/proprietários rurais na aplicação de São Tiago e Ritópolis, ver matéria em nosso boletim nº CCV – outubro/2024

Nomeou, como seus testamenteiros, em 1º lugar Máximo Barroso Pereira, morador na Fazenda Bom Retiro,

Aplicação de Conceição da Barra; em 2º o Cap. Bernardo José Gomes Carneiro, também morador na Aplicação de Conceição da Barra; em 3º o seu filho Joaquim da Silva Campos e em 4º seu genro, o Alferes Antonio Peixoto do Amaral.

Declarou ser “irmão professo na Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo” “em cuja capela é a minha vontade ser sepultado”, sendo, na oportunidade, “encomendado pelo meu reverendo pároco com assistência de doze reverendos sacerdotes que hão de dizer missa de corpo presente”. Solicitou, ademais, “que se ponha na Capela onde eu for sepultado de cento e sessenta missas por minha alma de esmola cada uma de meia oitava de ouro”. Requisitou, ainda, a celebração de “vinte missas por minha alma” nas capelas de Nazareno e São Tiago. Para esta capela (São Tiago) “deixo também outras vinte oitavas de ouro para as obras de seu acrescentamento”. Destinou seus bens e legados a diversos familiares, além de terceiros, de forma explicita.

José da Silva Campos faleceu aos 05-03-1811, “cego e sem tino”, conforme registrado em seu inventário.

Bens de Raiz Inventariados: Fazenda Capão das Flores na Aplicação de São Tiago, composta por casas de vivenda, engenho de cana, paiol, moinho, tudo coberto de telhas com terras de plantar, matos virgens, capoeiras e seus logradouros, com ermida e várias imagens – 975\$400.

(Fontes: Testamento e inventário de José da Silva Campos – Cx. 470, ano 1811 – IPHAN/SJDR).

Inventário de Joaquim da Silva Campos – cx. 18 – 1828 – IPHAN/SJDR).

Obs. O cientista francês Auguste de Saint-Hilaire, em seu itinerário pela Província de Minas, passou pela Fazenda Capão das Flores em março de 1819. Ver matérias em nosso boletim nº CXXXVIII – março/2019.

ANTONIO SABINA

Um tipo popular incomparável

Tipo popular dos mais icônicos e desconcertantes, em todos os tempos, de que se tem notícia em nosso meio, assim foi/era Antonio Cândido de Jesus, o Antonio Sabina (1900–1977). Um dos protagonistas do theatrum mundi, como tantos outros de nossa cidade, passado meio século de seu falecimento, ainda nos fascina, nos confunde. Artesão e trabalhador rural conceituado, passava seis meses precisos, fabricando telhas e tijolos na Fazenda da Serra, propriedade do Sr. Hugo Gonçalves de Almeida e após o falecimento deste com seu filho Geraldo, produção destinada via de regra, à construção civil. Membro de família distinta, honrada, trabalhadora, de nossa região. Tez moreno-trigueira, curtido pelo sol e pelo tempo, espigado, barbicha rala, primando pela sobriedade, praticidade no vestir. Totalmente abstinente, não provava, por mais se insistisse, uma gota sequer de álcool. Bem... isso tão somente no período da seca, entre abril e setembro, dividindo-o, rigidamente, o ano em apenas duas estações. Iniciado, todavia, o período das chuvas, à entrada de outubro, ele se transfigurava, abolindo todo comedimento, austeridade, sisudez, transferindo-se para a cidade, aí mergulhando-se, inteira e desbragadamente, na bebida, o que se estendia até março. Ruptura, transformação integral da personalidade. Adentraria, com a chegada das chuvas, um mundo, inacessível, fantasmagórico, impetuoso, expondo, igualmente, seu lado oratório. Tempo das águas, tempo de cachaça – e de discursos – à larga, para Antonio Sabina.

Parecia, enquanto se dedicava ao trabalho ceramista, acumular igualmente energia para a estação seguinte. Um soldado bem preparado para a batalha, terçando armas, ameaçando glossários na duplicidade de sua intrincada, hermética existência. Personalidade binária, ambígua, incomum. Seis meses no campo – lúcido, operoso, pacato, cotidiano monótono, o labor com as mãos. Seis meses na cidade entregue ao tablado das ruas, ao nonsense, à turbulência, à dipsomania, ao hipnótico virtuosismo das palavras.

Nunca se soube a causa de sua sazonal, semestral, invariável bebedeira a espreitá-lo e a marcá-lo, ano após ano. Dotado de inexplicável, enigmática oratória, abordava, em seus discursos, os mais variados assuntos, tétricos alguns – guerras, atrocidades, orgias, barbaridades praticadas por governantes, desde tempos mais remotos – e, em especial, temas mais recentes como 2ª Guerra Mundial, Hitler, Stalin, generais e chefes militares, principais batalhas e afins. Desenvolvida, ademais, temáticas sobre Getúlio Vargas, Jânio Quadros, Juscelino Kubitschek, o comunismo, enfatizando as perversidades praticadas por Fidel Castro, Mao-Tse-Tung e tantos outros genocidas mundiais de nosso tempo. Linguagem sempre eloquente, por vezes apurada, pausada, teatralizada, didática, iniciando ou intercalando cada peroração com o inconfundível bordão: “Antonio Sabina é quem está falando” ou a variante “Antonio Sabina é quem vos fala”.

Nele nada havia de loucura, ociosidade, mendicância, enfermidade física ou mesmo mental. Uma etiologia complexa, desafiadora sim. Nunca (fora) visto em estado de fúria, descontrole, não recalcitrando ou transgredindo normas sociais e legais; não se contrapunha a quem o ofendesse, o ultrajasse. Seu discurso nada tinha de amalucado como o personagem do conto “Darandina” de Guimarães Rosa; talvez mais parecido com o personagem Zé do Passarinho (romance “Fogo Morto” de José Lins do Rego) que fazia narrativas interessantes, histórias cativantes atraindo a atenção popular.

Contava com a tolerância, certa cumplicidade e mesmo afetividade de, praticamente, todos os moradores – uma licença, enfim, para se expressar, tornando-se Antonio Sabina algo inserido, consagrado, sempre aguardado à entrada da estação chuvosa, um membro especial da comunidade. Bêbedo, geralmente trôpego, furtivo, aos solavancos, alternando as pernas bambas, nada se parecia, naquela depressão física, o gigante que se projetava verbal e retoricamente. Fugia, enfim, a todos os padrões convencionados.

Uma ilha épica, um quê lírico, a voz da sofrida alma cabocla a inflar as ruas, exprobandos os absurdos e horrores provocados por ideologias nefastas, por ditadores e governantes sórdidos.

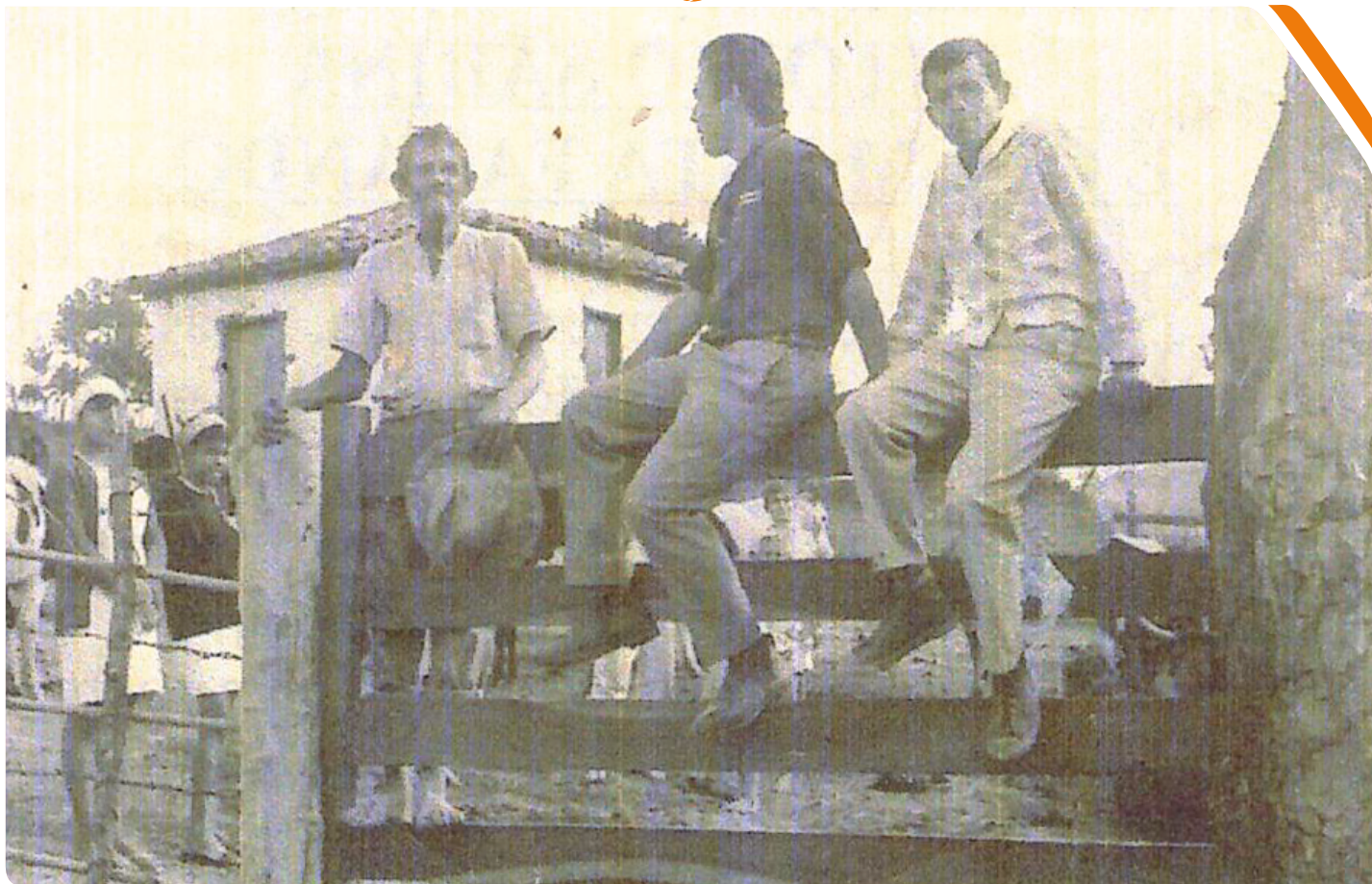
Um homem do boteco e da praça em seus dias e momentos de ebriedade. Parecia dirigir-se, em seus discursos, ao longo das ruas, a um público numeroso, invisível, com o qual mantinha interação, persuasão, dosando e modulando a voz, ora enfático como o ribombar do trovão, ora sereno como a leveza da chuva fina. Sua entonação compassada, suas expressões faciais sequenciando o conteúdo da locução, com a utilização, em suas falas e interlocuções, de pausas estratégicas e evocativas. A palavra fértil, fácil, vibrante, quicá, como antídoto à pobreza, ao desalento existencial, às dores da vida interiorana, tendo o álcool a estimular-lhe a criatividade, a desinibição, a afirmar-lhe, ainda que em transe, a identidade cidadã.

Perambulava, diuturnamente, pelas ruas, adquirindo, após a ingestão de fortes goles de cachaça, uma desinibição comum, a mais exagerada efusividade. Seu forte eram os intermináveis discursos, aparentando familiaridade, fecundidade com os temas. Em seu mundo de embriaguez, girando e gesticulando açodadamente pelas ruas, via e ouvia, aparentemente, ao que se deduz, coisas privilegiadas, senão intrigantes – cenários coloridos à sua frente, decerto irreais, alucinatórios. Utilizava-se de relatos vibrantes, narrativas fluentes, geralmente históricas, políticas, épicas, pronúncia correta de nomes de heróis e localidades, por mais inusitados, fossem russos, chineses, alemães, ingleses, aos quais emprestava conhecimento, segurança, autenticidade, acabando por prender a atenção e o envolvimento de muitos ouvintes. Parecia dirigir-se a plateias imensas, causando empolgação, uma espécie de êxtase retórico, robótico.

Segundo moradores da época, pasmos com seu repertório, Antonio Sabina retirava, hipoteticamente, seu conteúdo oratório, ao ouvir notícias das rádios, já então existentes em nosso meio, das prédicas dos vigários de então sobre as ameaças do comunismo ateu, uma grande preocupação, então, do clero e da sociedade.



Antonio Cândido de Jesus vulgo “Antônio Sabina” – Década de 50



Da esquerda para a direita: Antonio Sabina, Valdemar Almeida e um sobrinho

CAUSOS

1. Quando alcoolizado, era estimulado e remunerado por pessoas insanas, a proferir indiscrições, aleivosias e maledicências contra terceiros. Assim, pessoas insensatas pagavam-lhe doses de bebidas ou aliciavam-no com dinheiro, a fim de que, uma espécie de menino de recados, atacasse /ofendesse outros moradores (adversários políticos, desafetos pessoais etc.) fazendo-o “dançar” de uma rua a outra, de um ao outro lado da praça, debulhando críticas às vezes pesadas a terceiros. Abordado, determinado dia, na presença de várias outras pessoas, por certo cidadão, indivíduo abonado, mas com vários deslizes comportamentais, para achincalhar a honra de um desafeto, Antonio Sabino mirou-o bem, recusando-se:

– Sua ficha é suja. Seu dinheiro mais sujo ainda e insuficiente para cobrir tantos os seus desmandos. Na verdade, Antonio Sabina, contumaz frequentador de bares, usuário cotidiano das ruas, geralmente em horários mortos da noite, era muito bem informado quanto a boatos, coscuvilhices, em suma o submundo da cidade. Isso quando não os presenciava, os visse... O cidadão corruptor, temendo ouvir, ele próprio, de público, os relatos de suas mazelas, saiu rapidamente do local, refugiando-se em sua residência, ali nas proximidades.

2. Seu irmão, João Peneu, motorista profissional e taxista, certa feita, ai pelo mês de janeiro, colocou Antonio Sabina – que estava já, há quatro meses, em seu exercício etílico na cidade – em seu táxi, levando-o de volta à Fazenda da Serra. Uma forma de retirá-lo da rua, dada as reclamações de alguns moradores e o desconforto da família. Ali chegados, enquanto Peneu conversava com os hospitaleiros proprietários e degustava um café, recolhendo no quintal algumas frutas de época que lhe foram oferecidas, Antonio Sabina, fugindo à observação de todos os presentes, embarafustou-se por um atalho, retornando a pé, direta e agilmente à cidade, aqui chegando primeiro que o irmão a bordo do automóvel. Repreendido, o bebum esclareceu: – Ainda faltam dois meses para o término de minhas férias na cidade...

3. Uma ironia – Conta-se que, dentre os temas de seus longos, quilométricos discursos, Antonio Sabina frequentemente criticava os malefícios do álcool, classificando os bebuns de “bafos de bode”.

♦ ♦ A mãe mais linda do mundo ♦ ♦

Era uma vez uma menina muito alegre, cheia de vida e curiosa. Chamava-se Maria Papoutsas e era o encanto da mãe. Só que...



Há muito que Maria sonhava acompanhar a mãe ao mercado dos Mil Vendedores, mas a mãe não estava de acordo. A menina bem insistia, suplicava, implorava:

— Por favor, Mãe, por favor!



Mas a mãe recusava.

— Não, minha filha, é muito longe...

— Não, minha querida, há muita gente e muito barulho...

— Não, Maria, nas feiras há muitas correntes de ar e faz muito frio... Mas prometo que um dia hei de levar-te lá...

Por fim, o grande dia chegou. Maria Papoutsas não cabia em si de contente!



Saltitava de barraca em barraca, descobria novos cheiros, delicados perfumes que faziam cócegas no estômago, odores maravilhosos como o das anchovas, das azeitonas, dos peixes de barriga azul...

Mmmm... sabiam tão bem os bolos da senhora Leila, recheados de mel e de amêndoas torradas...

A barraca da senhora Ling Li, a vendedeira de aves, exibia rouxinóis, canários, mas também papagaios de papel com assobios e pandeiretas que ecoavam no céu.



Maria puxava a mãe pela manga do casaco:

— Olha que lindo, Mãe, escuta. Vamos libertar todos, sim?

— Olha as galinhas, e as cabrinhas! — gritava Maria.



E trepava com meiguice para cima dos cabritos (depois de lhes pedir permissão!) que pulavam por entre as galinhas e os perus espantados.

— Olha, Mãe, estou em bicos de pés! Vês como tenho jeito?

Mãe?
Mãe?
Mãe?

A menina procurou por todo o lado, mas em vão.

A mãe tinha simplesmente desaparecido!

Então, desatou a chorar tanto que o vendedor de cabras, o



senhor Chagui, veio a correr:

— Porque choras, pequenina?

— Porque não encontro a minha mãe. Estou perdida!

— E como é a tua mãe?

— A minha mãe é a mãe mais linda do mundo.

— Então, não te preocupes, vamos certamente encontrá-la.

O vendedor de cabras limpou as lágrimas à menina. Depois, começou a percorrer o mercado dos Mil Vendedores, seguido do seu filho, das cabras, das galinhas e dos perus.



Todos procuraram durante muito tempo até que encontraram o rosto mais lindo que se possa imaginar.

Para o vendedor, claro!



— Aqui está ela, é a menina Susana, a vendedeira das Quatro Estações.

A mais bela de toda a região! — disse o vendedor de cabras.

— É bonita — confirmou Maria —, mas a minha mãe é ainda mais linda.

E também é mais alta.

— Mais linda e mais alta?

Então... tive uma ideia — disse a menina Susana. — Venham comigo.

A menina Susana, o comerciante de cabras, o filho e Maria atravessaram o mercado até à banca da menina Adélia, que vendia crepes.

— Ela é bonita e alta — disse Maria —, mas a minha mãe ainda é mais linda e mais alta.

— Então acho que já sei onde está — disse a menina Adélia. — Venham comigo.

O grupo parou diante da montra dourada do salão da senhora Vaneska, a cabeleireira, famosa em penteados e em estética.

— A minha mãe é ainda mais linda e mais alta. E é muito mais sorridente.

Ninguém sabia mais onde procurar e todos estavam já muito cansados...

Atravessaram, pela última vez, o bulício do mercado, de volta aos seus locais de venda.

Foi então que, de repente, Maria correu para uma senhora com um sorriso doce e tímido. Uma senhora pequenina e muito simpática.

Os olhos brilhavam como os de Maria e, por baixo do casaco, trazia um vestido florido que lhe chegava aos tornozelos.

— Esta é a minha Mãe! Eu bem vos tinha dito que era a mãe mais linda do mundo!

E era mesmo!



Marianne Barcilon
La plus belle maman du monde
Paris, Kaléidoscope
(Tradução e adaptação)

Zé Cuité: simplicidade, alegria, arte e criatividade

Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

FOTO: ALESSANDRA KELEN CASTRO

José Jayme de Castro, mais conhecido como “Zé Cuité”, foi uma daquelas presenças que não passam pela vida das pessoas sem chamar atenção. Ele estava quase sempre sorrindo. Um sorriso manso, daqueles que antecedem uma boa história. Gostava mesmo era de contar causos, com muitos detalhes e exageros bem colocados, sempre com um brilho no olhar e um sorriso pronto. Contava com gosto, com pausa, com gesto, com aquele jeito de quem saboreia a própria narrativa. A gente ria antes mesmo do final. E ele ria junto, como se a alegria fosse contagiosa, e era. Rir alto, rir leve, rir junto. Era impossível estar ao seu lado e não ser atravessado por essa alegria simples e genuína.

Tinha um apego bonito às suas raízes. Falava delas com orgulho, de quem sabe exatamente de onde veio e carrega isso como força. Esse senso de pertencimento estava em tudo: na forma como falava, nos costumes que mantinha, e principalmente no jeito como cuidava do lugar onde vivia. Era assim a sensação de chegar à sua chácara e encontrar tudo vivo, pulsando, como se o lugar respirasse junto com ele. Ah, e quando voltávamos de sua casa, não voltávamos de mãos vazias. Além da boa prosa e dos risos, levávamos sacolas cheias de verduras e frutas. Lá, o tempo não parecia passar.

Sua chácara era um reflexo fiel de quem ele era. Um espaço vivo, cercado por grandes palmeiras, balançando devagar e árvores frutíferas espalhadas pelo terreno, o chão marcado por caminhos que pareciam saber de cor por onde levar. Tudo ali tinha um sentido, mesmo quando não era dito. Ali, tudo parecia ter um ritmo próprio, mais calmo, mais atento, mais verdadeiro. A simplicidade tinha abundância de significado. Cada detalhe revelava cuidado, presença e um tipo de amor difícil de explicar, mas fácil de sentir. A beleza daquele lugar, era moldada pelas mãos dele.

Zé Cuité não se dizia artista, mas a sua arte estava nas paredes da casa, pintadas com janelas imaginárias sempre fechadas, como se guardassem histórias só dele. Estava nas árvores com seus troncos pintados de cal quase chegando aos galhos.

Um cenário quase poético, estava nas cercas de arame farpado que, com o tempo, deixavam de ferir e passavam a se misturar com flores, trepadeiras e as árvores de leiteiro vermelho, criando uma paisagem que só existia ali, onde o rústico e o delicado conviviam em harmonia.

Os canteiros de hortaliças cercados com garrafas PET, alinhados com cuidado, mostravam criatividade e cuidado com a ter-



ra. Eram pequenas invenções do cotidiano. Da antena parabólica, repintada com tinta a óleo, brilhando diferente sob o sol. Dos móveis, da geladeira, de tudo o que parecia antigo, mas nunca abandonado. Ele não deixava as coisas envelhecerem sem antes dar a elas outra chance, ornamentado ou pintando-as. Não descartava, mas transformava. Como se devolvesse vida às coisas, recusando o desgaste do tempo.

Tinha a capacidade de enxergar além do óbvio, de transformar o simples em algo cheio de valor. Havia o jeito de como ele fazia o mundo parecer mais leve. Zé Cuité tinha essa capacidade rara de transformar o comum em algo digno de ser lembrado.

Ao lembrar dele, fica uma mistura de saudade e gratidão. Saudade da presença leve, das histórias, das risadas. Gratidão pelas lições silenciosas: o respeito pela natureza, o valor da simplicidade, a beleza de criar com o que se tem.

Zé Cuité faleceu no dia 24/10/2024, mas segue vivo nas memórias, nas histórias que continuam sendo contadas e nas risadas que ainda ecoam. Permanece também nas lembranças, como uma semente bem plantada, que continua florescendo em todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

UM CONTADOR DE CAUSOS NA PORTA DO CÉU

Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

São Tiago é terra de gente que gosta de uma boa prosa, de causos e de histórias. O povo conta que no dia 24 de outubro de 2024 o céu ganhou um reforço: Zé Cuité. Figura conhecida, que já chega fazendo graça antes mesmo de falar ou sentar. Deus resolveu lhe chamar pra dar uma animada lá em cima, porque, até lá no céu precisa de um pouco de descontração de vez em quando.

Dizem que quando Zé Cuité chegou na porta, São Pedro estava lá com aquele livrão enorme, óculos na ponta do nariz, jeito sério de quem não gosta muito de bagunça. Olhou pra ele e perguntou:

— Nome?

— José Jayme de Castro, Jayme com Y tá bom? Mas pode colocar: Zé Cuité, que fica mais mió. Respondeu ele.

— Data da partida? Perguntou São Pedro.

Zé coçou a cabeça, deu aquele sorrisinho de canto e respondeu:

— Foi dia 24 do mês 10 do ano 24, São Pedro.

O santo ajeitou a pena pra escrever, mas antes que pudesse

começar, Zé já emendou:

— Mas ó... nem precisa preocupar muito não, viu?

São Pedro estranhou:

— Como assim?

E Zé, com aquele jeitão dele, meio malandro, meio brincalhão, soltou:

— É que essa data aí o senhor pode escrever de trás pra frente ou de frente pra trás... que dá na mesma! É trem organizado, até na ida pro céu eu facilitei o serviço!

São Pedro segurou o riso, mas não deu conta. E naquele dia, quem estava por perto jura que fazia tempo que lá no céu não dava uma risada tão boa.

E assim Zé Cuité entrou: não foi com silêncio nem com cerimônia... foi fazendo graça, como sempre fez. Porque tem gente que não muda nem quando chega no céu, só melhora o alcance da piada.

Brincadeiras à parte, como ele mesmo gostava, registramos aqui esse causo para lembrar, com alegria, quem foi Zé Cuité e imaginar como foi a sua chegada, também alegre, lá do outro lado.

AO PÉ DA FOGUEIRA



OS ABRUTALHADOS ANALISTAS DE SOLO

O cidadão, modesto produtor rural, é abordado – ou melhor incomodado – à noite em sua residência urbana por dois estranhos que lhe batem, ruidosamente, a porta. Importunado, ainda mais por estar ele convalescente de cirurgia, afastado por aqueles tempos das atividades da fazenda. Pôde o nosso laborioso lavrador perceber que os desconhecidos utilizavam-se de veículo com insígnias de reconhecida universidade regional. Identificam-se como funcionários de empresa de empreendimentos agrônômicos, sediada em Lavras, incluindo laboratórios de pesquisas de solo, em parceria com a universidade. Especializada em micrologia de terreno, com tecnologia de alta precisão, seus técnicos estavam atuando, no momento, em nossa região, em projeto de largo impacto tecnológico e econômico, com apoio da Universidade de Lavras, inicialmente com prospecção básica e coleta de análises no âmbito químico, granulométrico, vegetal e quejandos. Assim se apresentaram, se explicaram.

Como o morador tinha propriedade vizinha ao local onde a empresa se instalara, em povoado próximo, estavam ali simplesmente – assim reafirmaram – oferecendo os serviços de prospecção da empresa, sem nenhum custo, nenhum compromisso ou contrapartida, nenhum aporte financeiro aos proprietários da região. Para tanto, ou seja, para auferir gratuitamente os serviços da empresa, requisitavam a anuência do proprietário, que, naquele primeiro momento, poderia ser verbal. A formalização se faria, assim que recolhidas as amostras do terreno. Não deixaram, todavia, de vender o seu peixe. Que se tratava de oportunidade única para os proprietários do lugar, permitindo-lhes conhecer a qualidade e deficiências químico-pedogênicas de seus imóveis, mormente a qualidade do solo, tudo com o aval da conhecida universidade pública lavrense.

Autorizada, a contragosto, a coleta de amostras, despedem-se os moços. Noite seguinte, nova visita à residência do sitiante. Agora eram três ou quatro estranhos, dizendo serem engenheiros que, de posse das amostras já recolhidas na propriedade, as mesmas seriam encaminhadas ao laboratório da universidade para fins de análise, gratuita, assim reiteraram. Mas... que, para proceder às pesquisas e exames, a universidade exigia uma solicitação formal do produtor, com dados básicos de localização do imóvel, identidade do requerente e por aí afora. Uma mera formalidade, diziam

– O sr. não se preocupe com papelada alguma, pois já temos tudo aqui em nossos arquivos. Inclusive o seu pedido já está aqui pronto, com todos os seus dados. É só o sr. assinar...

O produtor entendeu ser um pedido comum de análise, assinando-o sem contestações. Foi-lhe apresentado, ademais, um atestado do sindicato rural de Lavras afiançando/referenciando a existência e regularidade da empresa de análises e de seus dirigentes, o que, posteriormente, comprovou-se ser inverídico.

Ao despedir, os estranhos – que tomariam um chá de sumiço, desaparecendo por dias – faziam referências enfáticas ao convê-

nio de parceria com a Universidade, o que atraiu alguma desconfiança por parte do produtor.

Transcorridas umas três semanas, ao entardecer, um furgão com logotipo da empresa (sempre com a inscrição parceria com a Universidade Federal) estaciona à porta da residência de nosso cidadão. Estavam procedendo a entrega de uns quatro ou cinco minissacos de fertilizantes de solo. Com um pormenor: uma nota fiscal de venda do produto, com uma tipologia com caracteres químicos incompreensíveis para o morador, com valores que, naqueles tempos, década de 1970, equivaliam a uma fortuna. Teria que vender algumas reses para quitar aquela fatura, pensou de relance.

Recusou-se o morador a receber os volumes, alegando nada ter adquirido da citada empresa, tendo o entregador, de forma abrupta, violenta, simplesmente arremessado os fardos sobre a varanda, dando violenta partida ao furgão, com ares coléricos e impropérios de toda sorte – Está entregue. O pessoal da empresa passará aí mais tarde para resolver a situação. Passar bem, seu bestunto...

Problemas, pensou. Fez contacto com vizinhos, tomou opiniões inclusive do contador da cooperativa local, da qual era associado, todos orientando-o a não pagar. Era uma extorsão. Que se precavesse.

O pior, o mais insólito, de fato, viria a ocorrer à noitinha. Sua residência é simplesmente assaltada por uns seis ou sete indivíduos, de semblante atarracado, impertinentes, verdadeiros ruminantes que adentram, impetuosamente, sua sala de estar, vociferando ameaças, intimidações sem fim, levando o terror a toda a família. Funcionários da empresa, assim afirmavam, ali para receber uma compra de fertilizantes feita pelo morador, dizendo-se indignados ante a recusa do “cliente” em reconhecer uma legítima transação de produtos agrônômicos, adubos corretivos após análise in-loco e prévia dos vários tipos de solo da propriedade realizados com autorização mansa e pacífica pelo proprietário. Brandiam, para tanto, vários papéis, notas de serviços, corroborando seus direitos negociais irrefutáveis. Atmosfera de arrogância, opressão, estranheza, terror explícito.

O sitiante, ali sozinho, acuado, busca argumentar. Que não pedira, não requisitara exames de solo e sim que fora informado de que se tratava de um serviço gratuito; que não fizera aquisição de adubos, sendo pessoa de parca escolaridade e capacidade financeira, não tendo como arcar com tais serviços; que se considerava afrontado ante a atitude da empresa e de seus colaboradores, violando residência, promovendo clima de hostilidade indevida e que fosse respeitada a sua condição de morador e de cidadão.

Para seu assombro, em meio à balbúrdia, um dos invasores, so-taque aparentemente estrangeiro, dizendo-se ser professor universitário federal e catedrático, em clima de escárnio, disse, com todas as letras ao proprietário:

– Não nos venha com essa cara de mucureba, de matuto. O sr. acha que uma empresa de nosso porte, iria deslocar pessoal qualificado, veículos, logística e processamento de análise de solo, vindo até esse fim de mundo, esse cafundó, a troco de nada?!

E complementou, ante a aprovação ruidosa dos demais invasores: – O sr. que acerte o que nos deve ou senão a cobra vai fumar...

O que fazer, como proceder numa situação escrachada como aquela?! Como se livrar da extorsão em sua própria residência?! Atônito, acuado pela turba ensandecida, o morador foi salvo pela chegada de um cunhado, policial militar reformado, ali chamado pelos familiares em pânico, inteirado dos fatos, em si estarrecedores, ameaçou os intrusos:

– Gentileza saírem da residência em um minuto. Recolham os sacos deixados abusivamente no alpendre e não venham mais aborrecer o proprietário. Senão, a conversa será outra!

(Apurou-se, a posteriori, que a firma de análise de solos tinha, dentre seus sócios, um professor universitário que, utilizando-se das benesses concedidas/auferidas abusivamente pelo cargo, utilizava-se, de forma indevida, das instalações, veículos da instituição pública).

Coisas de nosso País!

Realização:



Apoio:

